



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA LUANA CAMINHA VALOIS

ANTES DE SER: uma reflexão a cerca dos estereótipos sobrepostos ao feminino a partir da escrita de Sandra Cisneros em *El Arroyo de la Llorona y Otros Cuentos*

Recife
2020

MARIA LUANA CAMINHA VALOIS

ANTES DE SER: uma reflexão a cerca dos estereótipos sobrepostos ao feminino a partir da escrita de Sandra Cisneros em *El Arroyo de la Llorona y Otros Cuentos*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Teoria da Literatura

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karine da Rocha Oliveira

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

V198a Valois, Maria Luana Caminha
Antes de ser: uma reflexão a cerca dos estereótipos sobrepostos ao feminino a partir da escrita de Sandra Cisneros em *El Arroyo de la Llorona y Otros Cuentos* / Maria Luana Caminha Valois. – Recife, 2020.
92f.

Orientadora: Karine da Rocha Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

Inclui referências.

1. Crítica literária. 2. Estudos culturais. 3. Feminismo chicano. 4. Sandra Cisneros. I. Oliveira, Karine da Rocha (Orientadora). II. Título.

809 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2020-76)

MARIA LUANA CAMINHA VALOIS

ANTES DE SER: uma reflexão a cerca dos estereótipos sobrepostos ao feminino a partir da escrita de Sandra Cisneros em *El Arroyo de la Llorona y Otros Cuentos*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 02/03/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Karine da Rocha Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Yuri Jivago Amorim Caribé (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Savio Roberto Fonseca de Freitas (Examinador Externo)
Universidade Federal da Paraíba

Ao meu Amado, Emmanuel.

AGRADECIMENTOS

Ao meu mais lindo amigo, Emmanuel. Que me apresentou a um curso que eu antes nunca havia ouvido falar. Que abriu as mais improváveis portas. Que me apresentou às mais distintas pessoas, para que, com elas, eu aprendesse mais e mais. Que meu deu forças todas as manhãs para levantar e seguir. Que me deu saúde, Graça e sabedoria para saltar os mais íngremes desafios. Enfim, Emmanuel, você é meu exemplo de transgressor, que ousou ir contra o sistema vigente em sua época, e hoje, depois de mais de 2000 anos, me inspira a fazer o mesmo. Eu te amo. Porque antes de eu te amar, você me amou. Porque antes de eu pedir, você me concedeu. Porque mesmo me conhecendo profundamente e sabendo de todos os muitos defeitos que tenho, você me ama, e ama incondicionalmente, ama e tem misericórdia. Obrigada pelo privilégio me chegar a Ti, e receber Teus conselhos e abraços, seja em oração, ao abraçar meus irmãos ou observando o vento soprar.

Por tudo isso, acredito que não estou aqui por acaso, entrei nesta Universidade pela vontade de Emmanuel. Não aquele que pintam como inquisidor; mas sim, o meu Amigo de todas as horas, educado, parceiro, humilde, que escreve em caminhos misteriosamente perfeitos a nossa história. Pois sua perspectiva é ampla e panorâmica, de largo alcance, melhor dito, de alcance infinito. O mais impressionante e deslumbrantemente inacreditável desta história é que além dEle ter me colocado nesta aqui para realizar um sonho, Ele me rodeou de anjos para me ajudar nessa difícil caminhada.

Se não bastasse a sua morte lá no calvário pensando em mim e nos meus irmãos, Ele demonstra diariamente seu zelo nos mínimos detalhes. Por isso, neste momento, só posso agradecer por tanto Amor, cuidado e Graça. *Thanks*, por ser do tamanho do vazio do meu coração. *Gracias*, pela esperança diariamente renovada. *Merci*, pelo Espírito doce e ousadia. E *Obrigada* pela liberdade de escolher-te.

Agradeço aos meus pais pela vida, a casa e o alimento.

Obrigada a mi abuelita por todo carinho na infância. E ao meu querido avô, em memória, pois se hoje ele estivesse aqui, se orgulharia profundamente com minhas conquistas.

Quero deixar aqui registrado meus mais sinceros agradecimentos à irmã maravilhosa que sempre está ao meu lado, para me ouvir, aconselhar e abraçar. Minha Rha, meu raiozinho de sol, grande parte do que sou hoje devo aos seus conselhos e exemplos, mesmo com seis anos a menos, sua maturidade e clareza de raciocínio são inspiradores, te amo em toda a amplitude da palavra.

Antônio, você é inacreditável [...]. Por tanto companheirismo, paciência e cuidado. Meu mar de silêncio e tranquilidade. Seu sorriso. Nossas longas e infinitas conversas sobre Jesus. Nossos risos. Ao seu cuidado diário. A sua paciência. A sua infinita paciência. Ao seu admirável caráter. Ao lar que estamos construindo. Obrigada. Como fomos abençoados por aquele encontro em 2007. Como somos abençoados nestes 12 anos, quase 13, em que tanta coisa em nós mudou, exceto nossa vontade de compartilhar nossos caminhos. Você é o companheiro que eu quero ter ao meu lado, te agradeço por

sempre acreditar em meus sonhos e por ter sido o maior responsável por eu ter podido ter tranquilidade para apenas estudar.

Agradeço aos meus sogros, pelo filho maravilhoso que criaram e pelo acolhimento amoroso que sempre me deram.

Não posso deixar de agradecer ao meu Baló, Miguel. Por encher meus dias de luz desde seu nascimento. Obrigada por reconhecer o Amor que tenho por você e por retribuí-lo, inundando minha alma de alegria. Você é meu filho do coração.

Aos meus queridos amigos da vida toda, Milena Ratacasso (minha ratinha), Matheus Araújo e Victor Braz, por respeitarem meus horários loucos e sempre estarem dispostos a regar nossa amizade com encontros repletos de Amor e muitas risadas. Saibam que foram estes encontros me deram força para continuar, pois, a cada jantar, viagem ou conversa que tínhamos vocês me faziam sentir o prazer de estar em casa.

Ratinha, nossa amizade surgiu, e cresceu sendo regada por aquele delicioso *Sensação DIVIDIDO* no intervalo das aulas. Hoje, daqueles tempos, temos as mais belas lembranças. Um profundo respeito. E uma incalculável admiração. Tudo isso nos une em uma iluminada relação. Obrigada Irmã, por estar sempre comigo, e por, mesmo longe, não perder o hábito de ler meus pensamentos e sentir quando eu mais preciso de você.

Teus, meu Amooooor. A mais doce criatura. O mais sábio e inteligente dos homens. Obrigada por me ensinar tanto sobre a vida, sobre o valor dela e dos pequenos detalhes que a fazem verdadeiramente valer a pena.

Tinho, a mão mais fofinha do mundo. As conversas mais “cabeça” que você respeita. Apendo tanto sobre família com você. Muito obrigada por sua amizade.

As minhas amigas da niñez, Pri, Dayse e Aline, pelas memórias incríveis da época que dançávamos ROUGE.

As minhas companheiras de trabalho e vida que conheci nesta academia, Luane Santos e Suzanna Almeida, que diariamente estavam ao meu lado contribuindo com meu aprendizado e fazendo com que a caminhada se tornasse mais leve e divertida.

Não poderia deixar de mencionar minhas queridas professoras, Karine Rocha, Imara Bemfica e Fabiele Stockmans. Cada uma com sua característica peculiar iluminou pouco a pouco meu caminho, respeitando meu tempo e minhas especificidades, me mostrando com seus exemplos de Amor à docência, como um ser pode agir. Essas pessoas deixaram pegadas lindas, importantes e inesquecíveis em minha caminhada.

Karine, gostaria de agradecer muito por me abrir as portas da Literatura pela perspectiva de Gênero. Agradeço também pela oportunidade e confiança ao longo das minhas monitorias e desta dissertação.

Imara. Como me identifico com você. Mesmo antes de conhecê-la, naquela primeira aula de *Cultura dos Povos de Língua Espanhola*, eu já sabia que gostaria de me parecer com você, de dar aulas daquela maneira. Que pessoa inspiradora e iluminada, sua presença me traz paz. Algum tempo depois, você me apresentou a perspectiva que me daria a possibilidade de olhar a vida de uma forma completamente diferente. Como poderia agradecer. As palavras não saem, tamanho é o respeito e a admiração que sinto por você (até hoje fico nervosa perto dela). Pois sinto uma responsabilidade de retribuir tudo, tudo mesmo, que a senhora me ensinou. Sinto que a cada vez que consigo ajudar um aluno, seja no que for, estou mais perto de seguir seus passos.

Fabi, quantas vezes chorei em suas aulas, pelo simples fato de sentir a emoção e o Amor que você transmitia nas suas palavras quando se referia à educação. Queria agradecer muito pela paciência e doçura nas orientações. Pelas adoráveis tardes que passamos. E acima de tudo, pelo respeito e comprometimento com tudo que faz.

Não posso deixar de agradecer a tia Sol, que com seu sorriso e alegria sustenta mais de trinta anos de excelentes serviços prestados a UFPE. Possibilitando que tenhamos um ambiente melhor para estudar.

Aqui registro meus mais sinceros agradecimentos ao grupo de pesquisa SUTRA, o qual tenho o prazer de fazer parte. Foram das reuniões com estas maravilhosas pessoas que surgiram as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa.

Meu muito obrigada para dona Conceição Martins, a melhor chefe que eu poderia ter. Como foram importantes aqueles conselhos regados de ternura. Sinto saudade das nossas longas conversas.

Preciso agradecer ao NLC (Núcleo de Línguas e Culturas) na pessoa de Moacir da Hora, pela oportunidade de ter as quatro turmas mais maravilhosas que alguém poderia querer. E a todos que compõe este maravilhoso projeto, onde comecei a dar aulas.

Tenho que mencionar o PPGL, que me proporcionou conhecer: ROLAND, ALFREDO, BRENDA, ANCO. Sei do tamanho do privilégio que tive em ter assistido às aulas com estes professores. Além disso, deixo aqui registrado meu agradecimento ao professores que irão compor minha banca.

Nestes dois anos tive a oportunidade de atuar como professora substituta do departamento de Letras da UFPE. Para mim foi inacreditável tal experiência. Não consigo mensurar o tamanho do aprendizado que obtive. Hoje, com o trabalho concluído, só posso agradecer a professora Cristina Corral pela gentileza e paciência em explicar os procedimentos metodológicos e burocráticos, bem como a professora Imara. Agradeço à minha companheira de jornada Luanda Calado, que assim como eu, enfrentou o desafio. Ainda sobre esta experiência, cito meus alunxs, não tenho ideia quantos foram, a única coisa que sei é que foi incrível tê-los.

Ainda sobre os últimos anos, pude conhecer melhor pessoas incríveis: Belle, Edson, Anderson Felix, e tantos outros. Que me acolheram em suas jornadas, e me presenteou com momentos inesquecíveis.

Para finalizar, tenho que escrever sobre a PONTE, minha casa, lugar onde aprendo, me sinto bem, ajudo e sou ajudada. Tenho orgulho de pertencer a esta comunidade.

Como sou grata!

“Eu vi, na teoria, um local para cura.” (HOOKS, 2010,p.7)

RESUMO

Esta investigação surge da leitura da obra *El arroyo de la llorona y otros cuentos*, da autora Chicana Sandra Cisneros, desde uma visão analítica-crítica que dialoga com os estudos de Gênero, o Feminismo Chicano e as Teorias da Crítica Literária e dos Estudos Culturais. Assim, a partir da compreensão de que a Literatura é uma expressão artística que, entre outras vantagens, remonta sociedades e nos possibilita (re)conhecer culturas e expressões de vida, defendemos que a escrita marginalizada das mulheres Chicanas precisa ser pensada dentro do ambiente acadêmico, pois esta iniciativa fissa o cânone masculino-hetero e branco que conhecemos, nos possibilitando perceber outras formas de ser, viver e conhecer ao outro. Dessa forma, temos como objetivo analisar a obra mencionada para refletir sobre o que se entende por ser fêmea; além disso, buscamos pensar sobre os estereótipos sobrepostos à mulher pela tradição hetero-normativa e capitalista ocidental e entender como se relaciona à vida feminina ao movimento Feminista de cor. Portanto, a partir de uma revisão bibliográfica foi possível pensar em questões que tangenciam a vida social do feminino, oprimindo as suas escolhas e as intenções das mulheres, às reduzindo, dessa maneira, ao âmbito privado, para que dessa forma cumpram sua “função”: cuidar/casar/gerar. À luz de autores como ANZALDÚA (1987); BADINTER (1985); BHABHA (2013); CISNEROS (1996); HALL (2003) e HOOKS (2018), foi possível refletir a respeito de tais temas. Logo, consideramos que esta pesquisa corrobora em direção de um entendimento mais generoso das relações humanas, além de promover uma reflexão sobre autonomia, respeito e alteridade, apreendidos nas letras da autora pesquisada.

Palavras-chave: Crítica literária. Estudos culturais. Feminismo chicano. Sandra Cisneros.

RESUMEN

Esta investigación surge de la lectura de la obra *El arroyo de la llorona y otros cuentos*, de la autora Chicana Sandra Cisneros, desde una visión analítica-crítica que corrobora con los estudios de Género, Feminismo Chicano y las teorías de la Crítica Literaria y los Estudios Culturales. Por lo tanto, desde la comprensión de que la Literatura es una expresión artística, que, entre otras ventajas, remonta las sociedades y nos permite (re) descubrir culturas y expresiones de la vida, defendemos que la escritura de margen de las mujeres Chicanas debe pensarse en el medio académico, porque esta iniciativa la quiebra del canon blanco y masculino que conocemos, permitiéndonos percibir otras formas de ser, vivir y conocer al otro. Consecuentemente, nuestro objetivo es analizar la obra mencionado para reflexionar sobre lo que significa ser mujer, además, buscamos pensar en los estereotipos superpuestos a las mujeres por la tradición capitalista hetero-normativa y occidental; y entender cómo se relaciona la vida femenina al movimiento Feminista de color. Luego, a partir de una revisión bibliográfica, fue posible pensar en cuestiones que afectan la vida social de las mujeres, oprimiendo sus elecciones y sus intenciones, reduciéndolas así su existencia a la esfera privada, de modo que cumplan su "función" : cuidado / casamiento / gestación. A la luz de autores como ANZALDÚA (1987); BADINTER (1985); BHABHA (2013); CISNEROS (1996); HALL (2003) e HOOKS (2018), fue posible reflexionar sobre tales temas. Así, creemos que esta investigación apoya una comprensión más generosa de las relaciones humanas, además de promover una reflexión sobre la autonomía, el respeto y la otredad, aprehendida en las letras de la autora investigada.

Palabras-clave: Crítica literaria. Estudios culturales. Feminismo chicano. Sandra Cisneros.

ABSTRACT

This investigation arises from the reading of the work *El arroyo de la llorona y otros cuentos*, by author Chicana Sandra Cisneros, from an analytical-critical view that dialogues with Gender studies, Chicano Feminism and the Theories of Literary Criticism and Cultural Studies. Understanding that Literature is an artistic expression that, among other advantages, dates back to societies and enables us to (re) discover cultures and expressions of life, we defend that the marginalized writing of Chicanas women needs to be thought within the academic environment, because this initiative fissures the canon white male heteronormativity that we know, allowing us to perceive other ways of being, living and knowing the other. Our aim is to analyze the work mentioned to reflect about what is meant by being female; in addition, we seek to think about the stereotypes superimposed on women by the heteronormative and western capitalist tradition and understand how it relates to female life to the feminist movement of color. From a bibliographic review, it was possible to think about issues that affect the social life of women, oppressing their choices, their intentions and reducing them to the private sphere, so that they can fulfill their “function”: caring/marrying/generating. In the light of authors such as ANZALDÚA (1987); BADINTER (1985); BHABHA (2013); CISNEROS (1996); HALL (2003) and HOOKS (2018), we reflect on these themes. Finally, we consider that this research corroborates towards a more generous understanding of human relations, as well as promoting a reflection on autonomy, respect and otherness, apprehended in the lyrics of the researched author

Keywords: Literary criticism. Cultural studies. Chicano feminism. Sandra Cisneros.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 | RETICÊNCIAS E RESISTÊNCIA: A CAMINHADA HISTORIOGRÁFICA DO MOVIMENTO FEMINISTA..... | 18 |
| 2.1 | DO CENTRO ÀS MARGENS: A VIBRAÇÃO ONDULATÓRIA DO FEMINISMO..... | 18 |
| 2.2 | SANDRA CISNEROS: FEMINISMO, VIDA E LITERATURA..... | 27 |
| 2.3 | DAS MARGENS: UM RIO DE CONTOS QUE CONTAM DA MARGINALIZAÇÃO..... | 39 |
| 3 | (R)EVOLUÇÃO: PLEGADAS A LA TIERRA..... | 49 |
| 3.1 | O SER FEMININO: FILHA, ESPOSA E MÃE..... | 49 |
| 3.2 | A CONSTRUÇÃO MENTAL QUE SUSTENTA O PATRIARCADO: A MÃE..... | 54 |
| 3.3 | UM SONHO DE LIBERDADE: A MESMA OPRESSÃO..... | 64 |
| 4 | OUTRAS POSSIBILIDADES: UMA PROPOSTA PARA (RE) PENSAR AS NATURALIZAÇÕES DA TRADIÇÃO OCIDENTAL BRANCA E HETERONORMATIVA..... | 75 |
| 4.1 | A ESPERANÇA QUE NASCE DO COLETIVO: SOU PORQUE SOMOS..... | 75 |
| 5 | PELAS BRUXAS QUE FORAM QUEIMADAS E POR AQUELAS QUE NASCERÃO: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES..... | 85 |
| | REFERÊNCIAS..... | 88 |

1 INTRODUÇÃO

Vivemos a fluidez do mundo na esfera do “pós¹”. O reconhecimento de limites, fronteiras e identidades, antes bem estabelecidos por heróis, mitos fundadores e literaturas nacionalizadas, agora sucumbi. Isto ocorre devido as constantes refutações á tradição heteronormativa que vigora; além do nascimento de um novo sujeito em trânsito, resultado da complexa união entre espaço e tempo. Dessa maneira, notamos que a literatura é, entre outras coisas, uma ferramenta para pensar o indivíduo, não mais como alguém perene, e sim como uma pluralidade fluida e infinita de possibilidades.

Neste sentido, refletimos, que na filosofia ocidental, *ser*² significa a existência de alguém. Por isso, recorreremos a está noção neste trabalho, e é ela também que nomeia, em certo sentido, nossa dissertação. Pois partimos do entendimento que o *ser* constroe-se paulatinamente ao longo de suas experiências/existência, em um caminho perpetuo de modificações a partir de relações/relacionamentos.

Por isso, nos ocupamos de questionar os arquétipos e estereótipos ³construídos pelo patriarcado, e através deles, refletir sobre suas construções e reverberações na vida cotidiada dos personagens da obra que iremos debater, bem como na sociedade em que vivemos, tendo em vista que a literatura remonta o real. Pontuamos ainda, que nossa argumentação nos levara a entender a mutabilidade dos tempos atuais, como também o caráter instável do sujeito pós-moderno.

Um arquétipo⁴ é um modelo, uma configuração naturalizada e superficial de referência, que forma pilares na compreensão de certos conceitos e ideias. Assim, ao longo da vida, nos relacionamos com vários arquétipos e, um deles, talvez o mais disseminado, é o da Mãe. Esta formatação de ser possui inúmeras características, positivas e negativas, todas convergindo forças em direção ao indivíduo que nasce com útero, para que este seja modelado, e um dia, concretize seu objetivo: cuidar, casar, gerar.

¹ Elemento de composição de palavras (prefixo) que dá a ideia do que é posterior, do que ocorre após, no espaço e no tempo.

² Ser é um conceito que engloba características objetivas e subjetivas da realidade e da existência. Este atravessa toda a história da filosofia, desde os seus primórdios Platão acreditava que o ser é o poder existir.

³ É construído pela sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social — ao longo da história, cada cultura criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero.

⁴ O uso deste termo (bem como a palavra estereotipo) é aqui mobilizados no sentido de construir uma crítica a cerca dos papéis sociais idealizados pelo patriarcado ao longo de séculos.

Este é o paradigma imposto pelo sistema patriarcal, que impele à mulher a tarefa do cuidado, seja para com os membros de sua família consanguínea, ou quando contraia matrimônio; é dela, majoritariamente, a responsabilidade, segundo o patriarcado, de manter os membros daquele lar seguros das intempéries da vida. Agregado a isso, é sua também a responsabilidade de gerar em algum momento da vida, pois este sistema precisa de mulheres (no formato mais conservador da palavra) que, como agentes da Cultura⁵ que são, reproduzam, uma e outra vez a mesma ordem social vigente⁶.

Por consequência deste modelo naturalizado o patriarcado tem nos silenciado, violentado e roubado nossas subjetividades, tirando, portanto, a nossa possibilidade de querer, pensar, opinar, escolher, estudar. Em outras palavras, estamos (neste momento um pouco menos) sem possibilidade de agir, pois nosso tempo tem sido ocupado com as inúmeras exigências do *cis*⁷-tema que ao longo dos anos vem ditando o que é ser mulher.

Vale ressaltar, recorrendo às palavras de Sojourner Truth (1851), que:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arrei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851)

Recorremos a esta citação para que se esclareça que entendemos as teorias de Gênero atreladas ao recorte de raça e classe, pois, quando se reflete sobre a hegemonização patriarcal do que seria ser mulher, se faz imediatamente necessário entender que os fatores mencionados

⁵ Este é um termo recorrente dentro desta dissertação, dessa forma, pontuamos que a composição de tal conceito para este contexto se origina a partir das leituras e reflexões construídas a partir do autor indiano Homi Bhabha, em seu livro *O local da cultura* (2013). Por isso, pensar cultura é, para nós, a desestabilização dos essencialismos, escrevendo desde as margens, e comprometidos com uma perspectiva teórica que toma como ponto paradigmático de partida o hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial.

⁶ O professor Boaventura de Souza Santos, em uma aula pública ministrada na UFPE, em 13 de dezembro de 2019, atentou para o fato de o capitalismo, atrelado ao colonialismo e ao patriarcado, se beneficia da natalidade descontrolada. Por isso, quando nos referimos a “ordem social vigente”, estamos corroborando com as palavras deste pensador, que entende que gerar sem responsabilidade alimenta e fortalece os princípios capitalistas.

⁷ *Cisgênero (Cis)* é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”

acima modificam completamente o panorama estudado, bem como relata Truth em seu discurso proferido como uma interferência na Women's Rights Convention⁸ em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851.

De tal modo, afirmamos que este espaço é, antes de tudo, um lugar para refletir e relacionar as ideias de autores que entenderam a educação como reduto de luta, autoafirmação e sororidade. Estas características foram encontradas na obra de Sandra Cisneros, a escritora que nos convida, através de seus contos grafados no exemplar *El arroyo de la llorona y otros cuentos (1996)*, a conhecer sua gente, pensar nas dificuldades das mulheres na fronteira, a considerar a quebra/reformulação dos mitos e a estimular a fraternidade entre as mulheres como caminho para uma libertação coletiva.

Vale ressaltar, ainda, que a escritora transita entre o inglês e o espanhol, sendo esse trânsito entre fronteiras um dos fatores que caracteriza a obra da autora. Assim, destacamos que o exemplar que iremos analisar é uma tradução do inglês ao espanhol, publicada em 1996, sendo a responsável pela tradução é Lilian Velenzuela. No referido exemplar encontramos uma coletânea de contos que nos descrevem a vida cotidiana na fronteira, através do potente olhar de Sandra Cisneros.

Destarte, no primeiro capítulo deste trabalho, nos debruçamos em função de conjecturar sobre os passos percorridos na luta feminista, antirracista e anticapitalista, para que, à vista disso, possamos ser generosos com o legado que as gerações que nos antecederam deixaram. Com a finalidade de que as mulheres de antes sejam, dessa forma, como faróis para as transgressoras que virão, pois entendemos que nossa luta vem sendo tecida ao longo das décadas, com o intuito de, em breve, fissurar o sistema patriarcal até que o mesmo venha a ruir. Ainda, discutimos os primeiros passos do movimento feminista, desde seu surgimento até a contemporaneidade⁹, fazendo assim, uma contextualização histórica do que era uma movimentação nas ruas, e se converte em (também) perspectiva teórica. Entendemos que dessa forma é possível compreender com mais conforto os capítulos que serão desenvolvidos ao longo desta dissertação. Ao mesmo tempo, refletiremos de maneira mais profunda a respeito da terceira onda feminista e do chicanismo, para que seja possível localizar a autora que estamos nos debruçando, Sandra Cisneros, além da sua importância na literatura de

⁸ Reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar depois de ouvir dos pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora.

⁹ Entendemos que este é um termo problemático, por se tratar de uma definição efêmera, relaciona a tempo, espaço e relações de poder, por isso, sempre que mencionado esta palavra, estamos nos referindo ao período atual da história ocidental, cujo início remonta à Revolução Francesa (1789).

autoria feminina. Para finalizar esta reflexão inicial, apresentaremos a obra, a qual, utilizamos como objeto de reflexão para este trabalho.

Em seguida, identificaremos quais são as questões de opressão trazidas pela autora Sandra Cisneros. Para isso, iniciaremos a análise da obra mencionada anteriormente, pois nossa preocupação está em desvelar, nas entrelinhas dos escritos, camadas de opressão que suplantam o ser mulher, além disso, vamos refletir a respeito da relação entre mulher-maternidade-liberdade.

Destacamos que nossa reflexão não isola o texto literário, pois o mesmo é invocado à medida que a discussão teórica é estabelecida, e tendo ele poder, conferido pela literariedade¹⁰ para justificar-se. Pois a literatura nos sufoca, tem efeito por si, nos permite ousar e criar. Dessa maneira, temos como objetivo secundário questionar as categorias de análise usualmente estabelecidas, abrindo espaço, dessa forma, para novas chaves de leitura, visando que esta nos distancie da tradição patriarcal.

Por fim, percebemos que o feminismo é um movimento político que reivindica a libertação da mulher de todos os padrões e expectativas comportamentais baseadas na discriminação de Gênero. Sobre isso, nos ocupamos no último capítulo, em buscar na obra de Sandra Cisneros possibilidades, a partir da análise de sua obra literária, de (re) construir o ser feminino. Para com isso, buscamos demolir os padrões que conferem bases às opressões impostas às mulheres ao longo da história. Assim, para finalizar nosso debate, construímos uma reflexão que tem como cerne a busca por um caminho novo de generosidade, respeito e alteridade, onde as mulheres possam ser livres para escolher, a partir de um movimento de ajuda mútua.

¹⁰ Literariedade é o conjunto de características específicas (lingüísticas, semióticas, sociológicas) que permitem considerar um texto como literário.

2 RETICÊNCIAS E RESISTÊNCIA: A CAMINHADA HISTORIOGRÁFICA DO MOVIMENTO FEMINISTA

“hasta que las mujeres blancas vengan a nosotras en nuestros propios términos, mantendremos la puerta cerrada, porque, ¿realmente queremos ser parte de un movimiento donde la mayoría es la periferia y la minoría el centro?” (Lee Maracle)¹¹

2.1 DO CENTRO ÀS MARGENS: A VIBRAÇÃO ONDULATÓRIA DO FEMINISMO

Casar, gerar e cuidar/criar foi e ainda é visto, nas culturas ocidentais, como destino de todas as mulheres, uma norma a ser seguida como sinônimo de felicidade e satisfação, um padrão social e constructo indentitário que define o que é (ser) feminino. Tal compreensão é justificada a partir de naturalizações construídas e consolidadas pelo sistema heterodominante ao longo dos séculos; além disso, esta mentalidade é respaldada por instituições, como, por exemplo, as igrejas, que vinculam a maternidade ao divino. Atualmente, apesar de tantas modificações na vida social feminina ao longo dos anos e das lutas, ainda assim, esse trinômio permanece como um referencial imposto socialmente as mulheres.

Deste modo, é sabido, a partir da historiografia¹² oficial ocidental, facilmente conferível em livros, artigos e outros materiais de consulta e estudo, que a luta das mulheres no movimento feminista já existe há mais de 200 anos, sendo assinalada por diversos momentos e fatos marcantes.

Mas, se pensarmos na vivência das mulheres, considerando também os momentos em que elas, individual ou coletivamente, protestaram contra as diversas formas de dominação, essa narrativa e os episódios que a marcam são muito mais antigos e mais diversos. Cabe mencionar desde já o fazer literário de Sandra Cisneros, pois é nele que sustentamos a afirmação anterior, porque identificamos na escrita da autora um feminismo cotidiano, feito e tecido na simplicidade das relações, que é regado por solidariedade e fraternidade entre

¹¹ Poeta canadense que se manifesta em sua arte uma crítica ao tratamento do povo indígena, destaca particularmente as questões relacionadas às mulheres indígenas.

¹² Entendemos este termo como estudo e descrição da história contida em livro, artigos entre outros materiais de pesquisa. Assim, sempre que esta palavra for mencionada, estará portando este sentido.

mulheres. Portanto, este movimento ideológico, pensado e liderado por mulheres, e que luta pela igualdade de direitos, se expandiu por todo o mundo e, atualmente, os grupos feministas têm crescido de maneira considerável, graças ao empenho de diversas ativistas e por fatores como globalização e mídias sociais.

Conseqüentemente, faz-se necessário expor que a trajetória do movimento feminista pode ser analisada historicamente em três “ondas”, como discute Jacilene Maria da Silva (2018): A primeira¹³, no início do século XIX, ela se refere principalmente ao sufrágio feminino, ou seja, ao pleito ao voto e a derrubada de obstáculos legais à igualdade de Gênero¹⁴; A segunda onda nas décadas de 1960 e 1970, ampliou o debate para outras demandas femininas. E, de maneira mais específica, se refere às ideias e ações associadas ao movimento de liberação sexual, direitos reprodutivos e mercado de trabalho. Bem como cita Jacilene Maria da Silva (2018), em seu livro *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*:

o feminismo se trata de um movimento de reivindicações de direitos por sujeitos específicos da sociedade – as mulheres – como tal, os direitos que o movimento reclama chegam num tempo histórico inserido em contextos sociais específicos, é assim que se dá a classificação do feminismo (SILVA, 2018, p.40).

De tal modo, as experiências e reivindicações das mulheres brancas foram as que começaram a ganhar visibilidade, impulsionando, dessa forma, o feminismo como movimento social, pensando questões como corpo e sexualidade. Assim, essas discussões desembocaram no questionamento da fertilidade e gravidez, além da possibilidade de decidir com segurança que caminhos tomar – entendemos isso como apoio governamental materializado em assistências hospitalares, políticas, entre outros. Como bell hooks¹⁵ defende em seu livro *Feminismo é para todos* (2017):

¹³ O termo “primeira onda” foi estabelecido em retrospecto. Depois que o termo “segunda onda” do Feminismo começou a ser usado para descrever um movimento feminista mais novo, que focalizava tanto no combate às desigualdades sociais e culturais quanto às políticas.

¹⁴ Consideramos que o conceito de Gênero engloba todas as formas de construção linguística sugeridas com os processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, diferenciando-se como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade.

¹⁵ Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks (homenagem a sua bisavó materna). Seu nome é escrito em minúsculas, para desafiar convenções linguísticas e acadêmicas, segundo a própria escritora.

Si ofrece a todas las mujeres una educación sexual, una asistencia sanitaria preventiva y un acceso a los anticonceptivos, se producen menos embarazos no deseados y, en consecuencia, se reducirá el número de abortos. (HOOKS, 2017, p. 51)

Este respaldo legal é fundamental para nutrir os anseios de liberdade da mulher na segunda onda do feminismo, além da segurança do direito a escolher uma vida a partir de pulsões próprias. Ressaltamos também que esta etapa do movimento trouxe para as mulheres a consciência das opressões e do sexismo ao qual elas eram submetidas.

Por fim, temos a demarcação historiográfica da terceira onda, a partir da década de 1990 até a contemporaneidade. Ela seria uma reação às faltas da primeira e segunda onda. Neste momento histórico, o feminismo começou a desafiar as definições essencialistas da feminilidade perpetradas pela onda anterior (no qual a ênfase era principalmente nas vivências das mulheres brancas de classe média-alta)¹⁶.

E foi o discernimento de que as mulheres são de diversas cores, etnias, nacionalidades, religiões, origens culturais que marcou um novo *télos*¹⁷ dentro do movimento feminista. Este período sócio histórico remete ao reconhecimento da necessidade de um investimento mais consistente na produção do conhecimento, acerca do levante feminista, com a finalidade de compreender e explicar a subordinação social e a invisibilidade política que as mulheres eram submetidas. Assim como segue pontuando Jacilene Maria da Silva (2018): “a ideia, portanto, girava em torno de que era fundamental reconhecer as variedades de identidades e diferentes experiências de mulheres distintas.” (SILVA, 2018, p.16). Constituiu-se a partir daí, também, a valorização do conceito de interseccionalidade defendido por Angela Davis (2016) na obra *Mulheres, raça e classe*¹⁸.

E é sob este panorama que o feminismo negro e de cor (onde se inscreve a autora que estamos nos debruçando nesta pesquisa) ganha força e ascende enquanto linha feminista autônoma. Atrelado a isso, as feministas da terceira onda criticavam o próprio movimento,

¹⁶ De um lado o considerado feminismo liberal e burguês que lutava por direito a voto e ensino superior, de outro, alinhado aos movimentos socialistas, engajados por melhores condições de trabalho, salários e sindicato.

¹⁷ Esta é uma palavra de origem grega, que significa meta, alvo ou objetivo.

¹⁸ Primeira publicação em 1981.

por este partir de um ponto de vista ocidental, branco e heterossexual, e não contemplar nem ouvir as demandas das *mulheres outras*¹⁹.

De tal modo, pesquisadoras como Gayatri Spivak e Judith Butler se preocuparam, também, em construir uma articulação das teorias feministas com questões de raça, sexualidade, classe social e etnia, endossando, então, a busca pelo (re) significado do arquétipo do que se entendia por ser mulher, como pontua Butler (2003):

Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidade discursivamente constituídas (BUTLER, 2003, p. 20).

Em consonância com a autora, entendemos que para que se reconheça a pluralidade do indivíduo, para além do estereótipo ou arquétipo configurado sobre ele, devemos disseminar o debate acerca das naturalizações construídas outrora.

Consequentemente, é neste contexto que o *feminismo Chicano*²⁰ ganha energia.

Este braço do feminismo surge dentro do Movimento Nacionalista de Direitos Civis²¹, como resposta à discriminação sofrida pelas mulheres de origem mexicana nos EUA. As principais lutas estavam centradas nos sindicatos, e as reivindicações pleiteavam a licença maternidade, controle de natalidade assistido pelo Estado, além de uma melhor estrutura econômica, já que as Chicanas sobreviviam de trabalhos domésticos mal pagos. A autora

¹⁹ A partir deste termo, destacamos a marginalização a qual estas mulheres eram submetidas.

²⁰ O conflito entre mexicanos e estadunidenses se dá ostensivamente desde meados do século XIX, quando, por conta da política expansionista estadunidense, mais de um terço do território mexicano foi incorporado ao mapa dos Estados Unidos. Dessa forma, a emergência do movimento Chicano como afirmação de uma identidade ocorreu com maior vigor e visibilidade a partir dos anos sessenta (YBARRA-FRAUSTO, 1992). Na década de 80, os trabalhos das escritoras Chicanas feministas lésbicas, Gloria Anzaldúa e Cherrie Moraga ganharam destaque, e o discurso delas desvela os códigos de poder e violência de uma sociedade patriarcal, indo contra as limitações culturais estadunidenses e mexicanas, além de fazer um contraponto ao discurso feminista estadunidense que falhou em não avaliar a opressão de classe e racial. Elas ainda se colocam, entre o local representado pela tradição da cultura patriarcal mexicana e aquele reivindicado pela projeção de um discurso feminista estadunidense.

²¹ Historicamente um período compreendido entre 1952 e 1983, ocorrido de maneiras diversas e marcado por pacificações populares e revoltas na sociedade civil em países de todos os continentes, mas principalmente nos países estadunidenses.=> defina

Gloria Anzaldúa, uma das referências deste movimento, menciona em uma entrevista ao portal **Mujer palabra**²² que:

una mujer de mi cultura únicamente había tres direcciones hacia las que volverse: hacia la Iglesia como monja, hacia las calles como prostituta, o hacia el hogar como madre. Hoy en día algunas de nosotras, muy pocas, tenemos una cuarta opción: incorporarnos al mundo por medio de la educación y la carrera profesional y convertirnos en personas autónomas (Trecho retirado de una entrevista concedida ao portal Mujer Palabra, em 1993).

As palavras da autora nos elucidam a importância da consciência de Gênero, e das opressões que o circundam, para que as possibilidades vislumbradas pela (e para) as mulheres se ampliem, bem como é possível perceber, dessa forma, que o conceito de Gênero vem sendo resignificado ao longo dos anos, por mulheres como a autora supracitada, devido às inúmeras demandas reivindicadas nas ruas pelas movimentações sociais, como também pela mídia.

Com base em tudo que foi discutido até o momento, assinalamos que nossas observações partem, majoritariamente, do feminismo Chicano, sem desconsiderar as importantes contribuições de pesquisadoras que o antecedem, mas, por tratarmos aqui de um objeto de estudo inscrito em tal cultura, se faz coerente adotar este procedimento.

Tendo em vista que já foi mencionado: o feminismo em seu surgimento ocidental; o histórico registrado em ondas; e seu caráter predominantemente branco heterossexual, finalmente chegamos ao feminismo Chicano (localizado na terceira onda) e representada aqui por Sandra Cisneros e seus contos, que serão explorados nos capítulos seguintes.

Por consequência, nosso interesse se volta justamente ao estudo desta movimentação político-literária que Cisneros constrói, pois em seus textos percebemos uma poética voltada ao sofrimento vivido pelas mulheres Chicanas, bem como um apelo ao enfrentamento de tais problemas, através da ilustração de novos caminhos possíveis para o ser-feminino²³.

Para tal reflexão, os conceitos anteriormente citados são fundamentais, pois, a partir deles, entendemos o contexto no qual tal expressão emergiu. Vale ressaltar, portanto, que foi a partir de diálogos entre lideranças feministas com origens na segunda onda (como, por

²² O referente canal pode ser acessado a partir do endereço: http://www.muierpalabra.net/pensamiento/analisisfeministabis/gloriaanzaldua_tiraniacultural.html - acesso: 07/02/2019.

²³ Sempre que recorrermos a este termo, estamos incitando a seguinte leitura: Ao passo que entendemos que o “ser” (ter identidade, característica ou propriedade intrínseca) deveria ser livre para delimitar duas subjetividades e escolhas; quando o referido “ser” trata de mulheres, a eminência de existir está intimamente ligada aos estereótipos sobrepostos ao feminino. Sem a mínima possibilidade de negociação, sob pena da mesma ser considerada louca, bruxa ou prostituta – desde uma visão hetero-normativa,

exemplo, bell hooks e Gloria Anzaldua) e outras feministas negras que se abriu o debate a respeito das demandas das *mulheres outras*, e a negociação dos novos espaços de conversa se deu para que fosse possível considerar as subjetividades relacionadas às etnias e a outros aspectos relacionados às mulheres marginalizada e silenciadas até o momento.

Considerando o exposto, percebemos que foi a partir da terceira onda do feminismo²⁴, que as mulheres menos privilegiadas nas discussões das primeiras ondas construíram espaços de resistência e militância para que o movimento girasse o olhar para outras demandas, com abrangência aos apelos de grupos sociais e étnicos distintos dos privilegiados até o momento.

A doutora em História e Etnohistória Virginia Ávila Garcia (2010) menciona, em seu artigo **Feminismo académico y militante**, que:

Las mujeres de color se han distinguido en sus espacios culturales y de militancia, de acuerdo a sus particularidades, como grupos sociales y étnicos distintos. Ellas se consideran hermanadas por la clasificación social que la hegemonía blanca les ha señalado al llamarlas mujeres de color. Sin importar la pigmentación de su piel, las mujeres de color negro, amarillo o moreno, han sido mujeres bravas que trascendieron tradiciones familiares y comunitarias de sus roles subordinados a la familia; todas han sido perseguidas por la sombra educadora de tradiciones propias y demandan ser escuchadas y reconocidas en sus ámbitos específicos. (GARCIA, 2010, p. 29)

A partir das particularidades mencionadas pela autora supracitada, e pleiteadas pelas mulheres negras e de cor, foi possível ressignificar e ampliar a luta feminista, pois outros discursos e necessidades puderam ser acrescentados às pautas das batalhas.

Outro fator que contribuiu para o deslocamento do movimento feminista foi a oportunidade de expressão por meio das letras, seja pela literatura ou pelos ensaios de cunho artístico, social e filosófico. Este fato permitiu que estas mulheres de cor, subalternizadas e muitas vezes silenciadas (ou não ouvidas), ultrapassassem os limites hierárquicos sociais estabelecidos pelas tradições patriarcais, demonstrando, dessa forma, uma nova maneira de pensar as teorias feministas, também dentro dos espaços acadêmicos.

Como esclarece, em seu artigo **Chicana and Mexican Feminist Practices: De/Linking Cultural Imaginaries**, Norma Klahn : “las mujeres chicanas que gritaron sus voces y escribieron sus palabras, se sumaron desde los años ochenta a las voces negras de Toni Morrison y Angela Davis y crearon sus propios acervos del activismo femenino en las obras” (KLAHN, 2002, p. 165).

²⁴ Termo utilizado pela primeira vez por Rebecca Walker em um ensaio de 1992.

Dessa forma, percebemos que estar no ambiente acadêmico, privilegiado por atender, majoritariamente, ao ideal patriarcal, e produzir conhecimento com base em suas experiências pessoais, propiciou a amplificação das vozes das feministas de cor na terceira onda, marcando assim que estas escritoras e ativistas eram além de acadêmicas, “mujeres de fronteras geográficas, culturales y de género diferentes a las blancas” (IKAS, 2001, p.18).

É notório, deste modo, o quanto a história pessoal destas autoras constroem intrinsecamente as teorias que elas elaboram como segue pontuando Ikas (2001) na obra *Chicana Ways: Conversations With Ten Chicana Writers*:

La nueva mestiza; su militancia fue continua hasta su muerte, en sus conferencias, en sus cursos en universidades donde nunca aceptó someterse al compromiso del tiempo completo, [...], porque quiso volar y dejar su voz en los oídos de cientos en lugar de las decenas del salón de clases (IKAS, 2001, p.17-18).

A citação anterior ilustra a importância do reconhecimento das transformações pleiteadas pelas feministas de cor, principalmente no que tangencia as discussões referentes à identidade e pertencimento. Isso nos leva a refletir a respeito da autonomia defendida pela terceira onda do feminismo, pilar este que possibilitou a ocorrência de uma descentralização das demandas brancas, para uma abrangente escuta aos apelos feitos por mulheres de outras condições de vida. Por este motivo, faz-se necessário pontuar que a construção uma identidade Chicana²⁵ e feminina foi uma urgência social que se associou a todas as tensões presentes dentro do movimento feminista, que romperam com o movimento feminista branco que era dominante até a segunda onda.

Como pontua Ávila Garcia (2010), “Las mujeres chicanas han abierto los propios espacios para su empoderamiento en el intrincado mundo de la subordinación femenina, asumidas como mujeres de color (GARCIA, 2010, p.233)”. A autora reforça o argumento aqui já mencionado, de que as letras foram fundamentais para que as mulheres Chicanas feministas construíssem seus espaços em lugares antes apenas ocupados por mulheres

²⁵ O feminismo, portanto, talvez não seja um termo adotado pela maioria das mulheres que possam se definir como Chicanas e que, na prática, têm objetivos e crenças encontradas na política feminista. Portanto, uso o termo conscientização como aplicado entre ativistas de língua espanhola (CASTILLO, 1994, p.10).

feministas brancas. Como forma de ilustrar, mencionamos San Diego Tribune²⁶, que relata que Sandra Cisneros e seus contos: “tiemblan de vida, respiran y lloran y se enfurecen.”

É possível considerar, dessa forma, que os processos de escrita e compartilhamento os quais as escritoras da terceira onda feminista estavam comprometidas desvelaram testemunhos pessoais que refletem uma complexidade de memórias coletivas e relações com o meio, com as classes e ainda entre os indivíduos. Tribune segue: “El mundo de Cisneros... queda descrito con ardor y amor, además de estar escrito de una manera simplemente genial.”

Mais uma vez, o fato de estas mulheres terem recorrido às letras, usando suas experiências pessoais como *corpus* de pesquisa e inspiração para seus textos, revolucionou as lutas, possibilitando assim, refletir acerca das trajetórias de subordinação que a mulher é submetida na sociedade ocidental, com raízes no colonialismo e no patriarcado.

Podemos agregar a nossa reflexão as palavras de Ikas (2001), quando pontua:

Este proyecto de vida, de recuperación de la memoria personal, familiar y colectiva abrevó en las rupturas de fronteras de las mujeres negras y de otros mestizajes de color. Las latinas aceptaron el reto de Gloria Anzaldúa que las apuraba a contar sus propias historias como ella lo hizo al narrar su dolor, sus humillaciones como chicana del sur de Texas (IKAS, 2001, p. 20).

O entendimento de que a escrita e o compartilhamento das dores era um espaço para ressignificar sofrimentos, deu às Chicanas a regeneração que necessitavam.

É necessário pontuar, ainda, que os meios de comunicação têm um duplo papel na divulgação do movimento feminista: Por um lado, expõe a causa de maneira superficial, apenas com o propósito de atender aos interesses do neoliberalismo; em segundo lugar, vêm focando em um aspecto do movimento, geralmente o negativo, para a parcela conservadora da sociedade, pintando as participantes do movimento como pessoas que odeiam homens.

Claramente, o movimento pode sim ter estes aspectos ressaltados pelo senso comum, porém, aí reside o problema dos estereótipos: são incompletos e reduzem uma complexidade de coisas a uma única e superficial característica.

²⁶ Comentário extraído da primeira página de livro que estamos analisando. Ele foi feito em um jornal diário metropolitano estadunidense, publicado em San Diego, Califórnia. Ano?

Este ponto de vista ignora o fato de que as feministas também refletem sobre o peso do patriarcado sobre os homens, como segue pontuando bell hooks (2017): “la política feminista se amplió para incluir el reconocimiento de que el patriarcado arranca ciertos derechos a los hombres al imponerles una identidad masculina sexista” (HOOKS, 2017, p. 94).

A raiva contra os homens já foi um fator que impulsionou as mulheres para a luta nas primeiras ondas, pois chegavam ao movimento com dores causadas diretamente por seus respectivos companheiros, pais, tutores, tios... Porém com a evolução do feminismo, foi possível entender que “los hombres no eram el problema, que el problema estaba em el patriarcado, el sexismo y la dominacion masculina” (HOOKS, 2017, p. 93). A autora acrescenta, ainda:

Una visión feminista que incorpore la masculinidad feminista, que acoja los niños varones y a los hombres y que exija en su nombre todos los derechos que deseamos para las niñas y las mujeres puede construir un nuevo hombre [...] El pensamiento feminista nos enseña a amar la justicia y la libertad de tal modo que promueva y reafirmen la vida. (HOOKS, 2017, p. 93)

A partir desta perspectiva do feminismo, que incorpora homens e mulheres, para que estes, juntos, lutem por liberdade e justiça para uma vida mais generosa e igualitária a todos os seres, se inscreve nossa pesquisa.

É possível, dessa forma, gerar nos homens consciência de sua importância neste movimento, para que uma sociedade que encara a diferença como algo inerente à existência humana seja construída; e onde não haja distinção entre tipos família, desde a nuclear até as mães solo²⁷, que todas sejam vistas com generosidade.

Nesta parte do capítulo 1 foi possível caminhar pelo ondulatório percurso do movimento feminista. Ainda, nos aproximamos da terceira onda, por entendermos que é nela que as demandas das feministas negras e de cor ganham ênfase, dando espaço a um movimento mais plural, acadêmico, colorido e interseccional. Por fim, entendemos um pouco do movimento feminino Chicano que se desenvolve também nesta época.

Já na próxima parte, cuidaremos de apresentar a autora sobre a qual iremos nos debruçar.

²⁷ Mãe solteira é a expressão usualmente utilizada para denominar famílias constituídas apenas por mães e filhos, em contextos muitas vezes de abandono. Já a expressão utilizada no texto – mãe solo – que vêm ganhando popularidade nas discussões sociais, e se refere a mães que são as únicas ou principais responsáveis pela criança, pois acreditamos que maternidade não deve estar relacionada ao estado civil da mulher.

2.2 SANDRA CISNEROS: FEMINISMO, VIDA E LITERATURA

À luz das teorias de Gênero, e incentivados pelo interesse em discutir a situação das mulheres, latino-americanas, que vivem em contexto migratório, em ambientes de transculturação continua sendo desafiadas constantemente pelo quase inóspito lugar, escolhemos refletir a respeito da escrita²⁸ da autora Sandra Cisneros.

Por um viés analítico-crítico e bibliográfico, defendemos que esta escolha nos possibilitará abrir um caminho de diálogo com as expressões literárias das margens²⁹, visto que a escritora pontua questões circunscritas aos contextos sociais nos quais mulher é, muitas vezes, definida por temas como a feminilidade e maternidade.

Assim a proposta é discutir, neste apartado, a partir do que é revelado nos escritos de Sandra Cisneros, as temáticas que envolvem Gênero, alicerçados em elementos que problematizam as identidades de sujeitos marcadas pela imigração - as mulheres Chicanas, que passam por um constante processo de subjugação a estereótipos nos mais diversos âmbitos da vida.

Dessa forma, buscamos demonstrar que o peso da expectativa de Gênero não nos permite reconhecer quem somos, pois antes de ter a possibilidade de refletir acerca disso, somos moldados ao que regulamenta a tradição hetero-normativa dominante. Já que nunca é levada em conta a postura e a mentalidade legítima das mulheres, pois focamos sempre em interesses relacionados à soberania do Gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas escolhas são baseadas nas expectativas masculinas. Fato este verificado nos personagens *cisnerianos*³⁰.

²⁸ Os contos analisados nesta pesquisa usam o inglês formal, modismos estadunidenses, espanhol do interior do México. Sandra Cisneros ainda enriquece os contos com o Náhuatl e o Maya (línguas dos povos originários mexicanos), por fim, privilegia as formas orais, plasmando-as em seu texto.

²⁹ Entendemos que por muitos anos o cânone literário foi branco, hetero-normativo e majoritariamente masculino. Por isso, usamos o termo “margem” (e suas variações) por entendermos que ainda existe um longo caminho para que obras como a de Sandra Cisneros tenham a visibilidade e o respeito que merecem. Com o passar dos anos e das lutas, expressões artísticas marginalizadas fissuraram o compilado de obras tidas como superiores, porém é sabido que a caminhada ainda é longa.

³⁰ Termo utilizado por Liliana Valenzuela no posfácio da obra que estamos analisando. Deveria ter apresentado Liliana como tradutora dessa obra.

Nesse sentido, faz-se necessário informar que Sandra Cisneros³¹ nasceu em Chicago (filha de um mexicano com uma mexicana-estadunidense) e começou sua trajetória como escritora ao publicar a obra de poemas *Bad Boys* (1980), mas foi o romance *The House on Mango Street* (1984) que a tornou internacionalmente reconhecida como uma das mais notáveis autoras Chicanas. Isso significa dizer que o enfoque no espaço geográfico - fronteira³² entre os EUA e o México - e o uso metafórico que faz deste espaço, converte Sandra Cisneros em expoente de uma literatura de margem, literatura Chicana, que ganhou destaque a partir das mudanças ocorridas na terceira onda feminista. A referida autora tem uma página na internet³³, onde publica as informações de sua vida e carreira, é nele, escrito pela própria autora, que nos baseamos para apresentá-la.

À vista disso, entendemos que a obra de Sandra nos ajuda a refletir acerca dos caminhos percorridos por mulheres-personagens, que buscam em suas vidas, além dos processos de autoconhecimento, o respeito à individualidade e a autonomia para decidir sobre suas vidas – não só para os personagens, como também para os que se dispõem a ler sua obra, como destacamos no conto *Uma santa noche*: “no creo que entiendan qué se siente ser mujer. No creo que sepan cómo es tener que esperar tu vida entera” (CISNEROS, 1996, p. 37).

Por isso destacamos que existe dentro desta obra a possibilidade de autoproduzir-se, criando a consciência que antes não existia, nos possibilitando penetrar em esferas de vivências ao mesmo tempo distantes e próximas, para com isso, ressignificar suas realidades.

Percebemos assim, a existência de uma essência que une a pesquisadora e a autora: a complexidade do ser-feminino nos acerca das letras de Sandra Cisneros, tendo em vista ainda que esta escritora nos apresente um caráter profundamente reflexivo – o qual nos conduz a pensar sobre a constituição do ser, em um espaço plural e fragmentado, marcado por descentramento e heterogeneidade, capaz de comportar até o contraditório (BHABHA, 2013). É este deslocamento e acúmulo que caracteriza as vidas Chicanas.

Mais: *el camino se hace al andar*³⁴, pois ao passo que lemos, ou caminhamos, construímos não só a compreensão de uma sociedade, pois “ler é ir ao encontro de algo que

³¹ Ganhadora do prêmio **PEN/Nabokov Award for Achievement in International Literature 2018**, da bolsa de estudos **NEA** tanto em poesia como em ficção, da **Medalla de las Artes de Texas** e da bolsa **MacArthur**. Também ensinou em muitas faculdades e universidades, incluindo a Universidade da Califórnia, Universidade de Michigan e Universidade do Novo México.

³² O conceito de fronteira carrega, então, o sinal de morte e de vida, a possibilidade de fim e a esperança de um reinício, traduzindo os paradoxos e contradições que estão presentes no interior da cultura fronteiriça.

³³ A referida página tem como endereço: <https://www.sandracisneros.com/mylifeandwork>.

³⁴ Trecho extraído do poema *Caminante, no hay camino* de Antonio Machado (1973).

está para ser e ninguém sabe o que será.” (CALVINO, 1990, p. 78). Construimos a noção de nós mesmos, sujeitos que tiveram suas subjetividades negadas, em prol de servir aos anseios do sistema patriarcal.

Por isso, agregamos, no que é relativo à matéria textual, melhor dito, às letras de Sandra Cisneros, que “o texto é tecido por esse vaivém destinado a exprimir a imprecisão do tempo” (CALVINO, 1990, p. 32). E é justamente nesta imprecisão do mundo líquido (BAUMAN, 2003) que nos encontramos, principalmente, em contexto de fronteira.

Por conseguinte, em relação aos personagens, considero que, parafraseando Patrick Chamoiseau (1992), no livro *Texaco*, somos prolongamentos de outros – e de nós mesmos. Pois só somos em relação à (GLISSANT, 1981) - autores, leituras, viagens, memórias, como afirma Édouard Glissant, na obra *Poética da relação* (1990).

Tais questionamentos postos reforçam a importância de ler e reler exemplares e contos como os de Sandra Cisneros, textos estes que escancaram os óbvios invisíveis que permeiam nossa sociedade, lançando sobre a mulher modelos sufocantes e silenciosos de comportamento que só violam o direito primário do indivíduo: o de ser. Pois estes acúmulos de leituras e memórias interligam-nos à autorreflexão das mazelas humanas, muitas vezes cometidas por nós mesmos dentro de nossas inter-relações, em um movimento perpétuo de efeitos e mudanças; onde o destino final não será o bem a ser atingido, e sim a caminhada, o que mais almejaremos, pois é nela que as enfermidades vão sendo curadas.

Seguindo com nossa reflexão, apontamos para a subjetividade e o sentimentalismo em que Cisneros embebe seu texto, com descrições minuciosas e sensações provocadas pela vida, nos transporta para o cenário da fronteira, por isso destacamos um trecho do conto *Esa Lucy mi amiga, que huele a maíz*: “puerta con mosquitero sin mosquitero. Sillón gordo em el porche. Algunas de las ventanas pintadas de azul, otras de rosa, porque su papi `taba cansadi ese día o se le olvidó” (CISNEROS, 1996, p. 04).

A autora ainda acrescenta:

Estoy sentada en el sol aunque es la hora más caliente del día, la hora en que las calles se marean, cuando el calor te hace un sombrero en la cabeza y tuesta bien bien el polvo y el zacate y hace que todo sude, todo se llene de vaho y huela como maíz dulce (CISNEROS, 1996, p. 04).

Destacamos, dessa forma, a maneira que a descrição minuciosa a qual Cisneros recorre envolve os leitores, igualmente, percebemos a forte ligação das mulheres fronteiriças em

território estadunidense com os ícones de sua cultura natal, neste caso aqui representado pelo *maíz* (milho).

Além disso, compreendemos que os modos de narrar sempre serão unitários e cravados de memórias. É neste contexto que se inicia a desconstrução da fronteira territorial, que já não é símbolo de transgressão, mas de fluidez e hibridismo, reconfigurando-se nas letras de quem constrói a sua identidade entre mundos, tal definição se sustenta a partir das palavras de Glória Anzaldúa redigidas no artigo nomeado *La conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza a conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência (1987)*:

Porque eu, uma mestiza, continuamente saio de uma cultura para outra, porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con lo contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan simultáneamente (ANZALDÚA, 1987, p. 704).

Nesta citação podemos entender claramente, pelas letras de outra escritora Chicana, que o hibridismo vai além de tão somente uma localização territorial, ele afeta diretamente o emocional das personagens Chicanas, pois se identificam com ambas as culturas até mesmo em seu contraditório, pois é clara a hierarquização construída pelas imposições imperialistas estadunidenses diante da cultura mexicana.

Podemos marcar mais uma característica presente na autora que estamos analisando, o feminismo que vibra nos textos de Cisneros é uma colaboração importante para romper com a reiteração do retrato da mulher ideal e da obediência servil que a sociedade patriarcal insiste em relacionar ao feminino. No conto *Mi tocaya*, Cisneros registra este apontamento:

como cuando invitaban a algunos de los muchachos de Holy cross para vinieran a teología y algunas de nosotras de la Sorrows íbamos a su escuela. Y hacíamos como que estábamos bien interesadas en el tema: “La Santísima Virgen: modelo a seguir para la mujer joven de hoy”. Mierdas de ésas (CISNEROS, 1996, p. 41)

Entendemos, então, que, por mais que a tradição venha, ao longo dos anos, justificando comportamentos sociais repressores, não importando assim, o que o indivíduo anseia, o movimento feminista trabalha em função de ampliar a compreensão de mulheres e homens, para que se construa a possibilidade de vida em uma sociedade mais generosa.

Como isso, pretendemos refletir sobre a importância dada ao padrão inalcançável hetero-normativa. Melhor dito, caixas inventadas; um passado utópico e inexistente, onde o *status quo* deve ser respeitado a qualquer custo e em detrimento de qualquer vontade, levando o indivíduo, caso queira andar contra o sistema, a ser taxado como louco e inadequado.

Por isso, devemos contestar os pressupostos em busca de ressignificar as práticas sociais para que as futuras mulheres possam ter autonomia para entender não existe característica intrínseca de um determinado Gênero, e que: “A linguagem é um repositório de nossos preconceitos, de nossas crenças, de nossos pressupostos” (ADICHIE, 2009, p 35). Ou seja, como a autora mesmo coloca, devemos contestar a nossa linguagem, uma vez que elas explicitam os estereótipos que formatam e limitam nosso pensamento.

Assim, entendemos que seremos bem mais felizes sem o peso das expectativas de Gênero, e nem o olhar masculino determinando nossas escolhas, e nos forçando a negar as especificidades de cada indivíduo, pois no reconhecimento deste fato é que podemos caminhar para a transformação da cultura machista.

Consequentemente, defendemos que a cultura não é algo estático, mas algo que está sempre em transformação, consequentemente não pode ser justificativa para a permanência de um sistema que oprime e cala a mulher em favor da voz do homem. A partir desta observação, buscamos refletir ainda, maneiras onde possamos conscientizar a sociedade da importância e urgência em mudar, para que homens e mulheres possam conviver em regime de equidade e respeito.

Dessa forma, consideramos que a literatura, a cultura Chicana e os estudos de Gênero estão estabelecidos a partir de uma noção de trocas e negociações entre eles, agregando assim a possibilidade de ponderar sobre questões históricas e de vozes marginalizadas. Isso significa romper com os tradicionais dualismos (feminino/masculino, inglês/espanhol, mexicano/estadunidense) que colaboram para a permanência das desigualdades sociais.

Por este motivo, reiteramos a escolha Sandra Cisneros, uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinadas pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença.

Nesse sentido, entendemos que existe uma reconhecível necessidade de que autoras como a que propomos sejam estudadas com profundidade. Deste modo, estendemos uma

ponte entre os Estudos Culturais³⁵ e as teorias feministas através da obra que compõe o corpus de nossa pesquisa, por acreditar que vamos contribuir de maneira significativa para a quebra de fronteiras epistêmicas, no que concerne à literatura contemporânea de produção feminina.

Vale ressaltar, ainda, que tais questões, descritas acima, não são amplamente discutidas na sociedade, e nós acreditamos que para desenvolver um ambiente mais equitativo necessitamos trazer tais temáticas a luz, para que sejam exaustivamente discutidas. Portanto, acreditamos que temos a responsabilidade de dar tal contribuição, assim, optamos por pensar a partir da literatura Chicana (CISNEROS, 1996), como uma possibilidade de trabalhar a mulher desde um olhar mestiço e desprestigiado (PINA, 2005). A partir dessas questões, temos a intenção de refletir, ao longo da pesquisa, como tal proposta está influenciando a constituição de uma coletividade crítico reflexiva, além de mais equitativa.

Destarte, refletindo a respeito do que a historiografia conferível dos estudos de Gênero, até o século XIX, a mulher era vista como um ser inferior aos homens, as quais não possuíam os mesmos privilégios que eles, por exemplo, ler, escrever, estudar, guerrear, enfim: escolher. Diante disso, a figura feminina foi construída por uma sociedade patriarcal, na qual as atribuições da mulher estavam restritas aos afazeres domésticos e a ter e educar os filhos. Por ser primordialmente feita por homens, esta mesma disciplina nos omite, em muitos momentos, mulheres e seus feitos para a sociedade, por isso, para contribuir com este debate (pois sua reflexão tem se voltado, principalmente, no sentido de perceber como esta área do conhecimento tem participado na produção do saber sobre a diferença sexual), Joan Scott, professora de Ciências Sociais no Instituto de Estudos Avançados em Princeton, historiadora e militante feminista estadunidense, que defende a ideia de que o conhecimento histórico é um instrumento que participa da produção do saber, e ainda acrescenta:

História é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido (SCOTT, 1994,p. 13-14).

³⁵ Este termo remete ao campo de investigação de caráter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão deles nas sociedades atuais. Nessa perspectiva, as criações de significado e dos discursos reguladores das práticas significantes da sociedade revelam o papel apresentado pelo poder na regulação das atividades cotidianas das formações sociais. Sendo assim, os estudos culturais não se configuram exatamente como uma disciplina distinta, mas sim uma abordagem ampla dentro das disciplinas constituídas.

Fica perceptível, diante desta afirmação, que o conhecimento histórico não é o documento suficientemente fiel à realidade vivida, ele é, na ótica de Scott (1994), um ângulo para o pesquisador, pois não contempla suficientemente as condições vivenciadas por mulheres ao longo do tempo. O que ele nos proporciona é um remonte do que supostamente teria se passado, através de documentos oficiais disponíveis. Faz-se necessário tal afirmação, pois entendemos a incompletude dos conceitos apresentados neste trabalho, bem como entendemos que algumas observações estão intimamente dependentes dos documentos disponíveis.

De tal modo, faz-se necessário entender que o período social e histórico no qual nos encontramos é caracterizado por múltiplas significações, deste modo, trataremos de agregar a nossa reflexão os escritos do indiano Homi Bhabha (2013) que apresenta, em seu livro *O Local da cultura* (2014), um questionamento de extrema importância para o sujeito contemporâneo: “De que modo se formam sujeitos nos “entrelugares”, nos excedentes da soma das partes da diferença (geralmente expressas como raça/classe/gênero, etc.)?” (BHABHA, 2013, p.20). Ou seja, de que modo podemos pensar questões de identidade em um local e tempo contemporâneos, cuja característica é a não-fixidez, o movimento, uma certa fluidez do que antes era tido como estático.

Para o estudo da autora que estamos propondo, este questionamento se faz básico, pois, tanto seu contexto de escrita quanto suas vivências estão em um entrelugar, como Bhabha (2013) segue afirmando: “Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (BHABHA, 2013, p.23), é justamente nesta conjuntura que a autora está inscrita escrevendo suas histórias: “outra de essas noivas del outro lado de la frontera. Y toda familia está em México” (CISNEROS, 1996, 58). Esta passagem está inscrita no conto *El Arroyo de la llorona*, ela nos conta um pouco da vivência em fronteira que mencionamos, bem como do afastamento do referencial (família, amigos, cultura) que ela produz.

A esta discussão se faz pertinente acrescentar Stuart Hall (1998), quando defende uma concepção de identidade que permita uma dinâmica, aceitando que as identidades não são unificadas, pois são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas, e acrescenta:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e

fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado. Assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 1998, p.9).

É precisamente porque as identidades são construídas dentro do discurso que nós precisamos compreender que, para pensar o movimento das mulheres na contemporaneidade como construção de um local histórico e social devemos ir ao interior das práticas discursivas, em nosso caso, os contos de Sandra Cisneros (1996).

É possível fazer uma relação entre os escritos de Bhabha (2013), Hall (1998) e o movimento feminista; segundo este último, o conceito de identidade dialoga com a noção de hibridismo cultural, que para o autor indiano é justamente essa analogia que permite às minorias buscarem uma identidade que possam conferir autoridade aos seus discursos. Assim, o sujeito do “entrelugar” realinha as fronteiras de espaço e tempo e, como pretende Bhabha (2013), faz com que o “além” seja um “espaço de intervenção no aqui e no agora”.

Podemos considerar, dessa forma, que a obra de Sandra Cisneros é um marco importante para o entendimento de um novo movimento, onde o feminino não deve mais ser homogeneizado. Pois no momento em que vivemos, de identidades fragmentadas e fronteiras fluidas, é necessário mover as tradições que ainda engessam principalmente o sexo dito “frágil”, pois “da sofrida decifração de emaranhados verbais emerge uma narrativa fluida (CALVINO, 1990, p. 59)”, e esta é a que nos interessa emergir tanto em sua subjetividade, quanto em sua complexidade, como reafirma a personagem do conto *Nunca te cases con um mexicano*: “Decías mi doradita en español. Me gustava que me hablaras en mi idioma (CISNEROS, 1996, p. 81)”.

À complexidade referida anteriormente, acrescentamos o conceito de interseccionalidade, tema este que nos inicia a um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. Ele ainda, não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista. Ao invés disso, estimula nossa criatividade para olhar para novas e formas de fazer análises feministas. Davis (2008) afirma que:

A interseccionalidade não produz uma normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma ‘linha correta’. Ao invés disso,

encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2008, p. 79).

As palavras de Davis (2008) comungam de maneira ímpar com as noções desenvolvidas em nosso trabalho até este momento, pois refletem a prática feminista de maneira crítica e responsável com as representações e demandas das mais diferentes mulheres. Considero relevante, dessa forma, mencionar a teórica pós-estruturalista Judith Butler (2003), para ampliar nossa reflexão, em sua empreitada em problematizar a categoria “mulher” como sujeito do feminismo, afirmando assim que:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (...) [e] se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p. 20).

Percebemos deste modo, que a interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas e, portanto, como um instrumento de luta política. É nesse sentido que consideramos este conceito ao mesmo tempo um “projeto de conhecimento” (COLLINS, 2014) e uma arma política. Pois entendemos a necessidade de pensar as dominações de forma conjunta, a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução, dessa forma percebemos que, segunda a autora, em *No te cases con un mexicano: Hubo una época en que lo que más quería era pertenecer a un hombre. Llevar puesto este anillo de oro en la mano izquierda* (CISNEROS, 1996, p. 74).”

A interseccionalidade remete, ainda, a uma teoria transdisciplinar que visa a entender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado, tendo em vista a fluidez contemporânea já mencionada e discutida com a ajuda de Hall (1998) e Bhabha (2013), ela vai além de uma simples divisão por categorias de articulação de múltiplas diferenças e desigualdades, pois desvelam as opressões antes invisíveis. Tudo isso foi possível ponderar a partir do entendimento sobre o poder

transformador da literatura, seu movimento nas margens e como é importante fissurar a hegemonia canônica com outros modos de ser, sentir e compreender o mundo.

Entendemos a escrita de Sandra Cisneros como uma prática social feita por pessoas inscritas no entrelugar biológico-geográfico; no livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, Fernando Ortiz (1983) nos explica e nomeia este fenómeno:

El vocablo *transculturación* expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra porque este no consiste solamente en adquirir una destinada cultura, que lo que en rigor indica la voz angloamericana *aculturación*, sino que el proceso implica también necesariamente en la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial *desculturación* (ORTIZ, 1983, p. 90).

A partir da citação anterior é possível entender como se constrói a caracterização da escrita da autora que analisamos. Assim, percebemos que as características mencionadas anteriormente fazem parte da própria definição do tipo de literatura feita por Sandra Cisneros, uma literatura transitiva, em *Barbie - coa*: “Y qué importa si no conseguimos nuestra nueva Barbie de piernas flexibles y nuestro Midge. Si la vistes con su nuevo traje “Noche de graduación”, mientras no le levantes el vestido, quien se va a enterar” (CISNEROS, 1996, p. 17).

Pois a autora está engajada a um vínculo interseccional, ou seja, inscreve-se em um cruzamento de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, fato este que é possível identificar em suas obras. Tal opção se dá por julgarmos que a literata nos transporta a encontrar o seu espaço identitário por intermédio de seu texto, além de denunciar os elementos opressores da cultura Chicana.

Assim, é importante entender o gênero literário no qual Sandra se inscreve: o conto³⁶. Neste sentido, por intermédio de sua forma rápida e direta, ele nos possibilita perceber o contexto no qual este se organizou. Ou seja, atribui-se às características formais a maneira pela qual a obra se organiza para sintetizar a vida cotidiana, é assim que entendemos o uso de

³⁶ Definimos este gênero literário com a ajuda de Júlio Cortázar (1976), em seu texto Sobre el cuento: “En primer lugar, no hay tales leyes; a lo sumo cabe hablar de puntos de vista, de ciertas constantes que dan una estructura a ese género tan poco encasillable; en segundo lugar, los teóricos y los críticos no tienen por qué ser los cuentistas mismos, y es natural que aquéllos sólo entren en escena cuando exista ya un acervo, un acopio de literatura que permita indagar y esclarecer su desarrollo y sus cualidades.” (CORTÁZAR, 1976, p.1)

contos pela autora que estamos investigando, sendo este muito apropriado, tendo em vista as dinâmicas sociais que vivemos atualmente e já apresentadas anteriormente.

Destarte, ela se apega às experiências individuais e coletivo-reais e para se expressar ressignificando assim às dimensões do que é realidade, estreitando dessa maneira as ligações entre o indivíduo e o mundo, além do olhar sobre como se dá esta relação. Por isso, na pós-modernidade³⁷, parece ser conveniente refletir sobre identidades *não-fixas* e vibrantes, como as apresentadas por Cisneros, pois o particular e o universal, agora, se confundem, igualmente como ocorre com o público e o privado, que já não se delimitam com tanta (nenhum) facilidade, pois o universal pressupõe que existe algo em comum, nem que seja a condição de seres humanos; já o particular, respaldado pelo pensamento Iluminismo, implica a existência de uma subjetividade que é fulcral para a produção literária moderna.

Por conseguinte, é preciso notar que a ideia de unidade ficou para trás, dando lugar à celebração da diferença, como antes mencionamos na reflexão sobre o movimento ondulatório feminista. Tal dito se dá no ato do reconhecimento que estamos oscilando entre o mesmo e o diverso (GLISSANT, 1981).

Gostaríamos, dessa forma, enfatizar a intertextualidade: “Quería ser Frida” (CISNEROS, 1996, p.78), onde se inscreve a busca da escritora para refletir numa linguagem universal o seu particular. Em razão disso, a escrita de Cisneros é fiel à sua experiência individual e problematiza de modo intenso a correspondência entre o literário e o real, já que é na maneira pela qual ela apresenta seu texto (sua forma e linguagem) que percebemos onde está o vocativo realista.

Além disso, a contemporaneidade oferece a possibilidade de ponderar sobre o mito/lenda – gêneros que nossa autora mobiliza em suas obras. Deste desaparecimento de moldes da sociedade atual, Sandra Cisneros cria sua assinatura em meio às escritas Chicanas. Em vista disso, esta característica destacada anteriormente impulsiona a identificação entre o autor e o público, dessa forma, o mito une-se ao conto e a sua estrutura. Consequentemente percebemos que Cisneros cria uma alternativa aos textos masculinos – lendas ou mito: que muitas vezes servem de instrumentos de regulação sociocomportamental.

³⁷ Após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX, o uso deste termo se tornou corrente, embora haja controvérsias quanto ao seu significado e a sua pertinência. Segundo Walter Benjamin, Em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (2018), a pós-modernidade seria apenas uma extensão da modernidade, período em que, segundo Benjamin, ocorre à perda da aura do objeto artístico em razão da sua reprodução técnica, em múltiplas formas: cinema, fotografia, vídeo.

Este aspecto constitui-se como fases de um procedimento analítico que intenta descrever o processo de deslocamento das estruturas tradicionais ocorrido nas sociedades modernas e pós-modernas, assim como o descentramento dos quadros de referências que ligavam o indivíduo ao seu mundo social e cultural.

A autora interpreta, dessa maneira, os padrões culturais Chicanos: “No importa. Igual a la Virgen de Guadalupe, la abuela intercede por ellos (CISNEROS, 1996, p.17)”

Desde uma perspectiva feminina, como também, concede voz à realidade até então subalternizada pelo ponto de vista patriarcal. Por isso afirmamos que as narrativas modernas são fluxos culturais que nos fazem entender o ser humano como ser cultural, sendo dessa forma, é importante atribuir sentidos para essas obras como as de Cisneros, com a intenção de criar alteridade, pois acreditamos que a constituição do sujeito é dada em relação aos diferentes graus de consciência. Por este motivo, é preciso refletir sobre as vivências nos textos literários, pois as identidades são dinâmicas e a cultura transforma, cultivando a natureza do ser, interpenetrando diálogos e fazeres, possibilitando, dessa maneira, mudanças de perspectiva.

As escritoras Chicanas tiveram um papel fundamental na produção de discurso contra hegemônico, pois os textos escritos a partir da terceira onda representam uma crítica aos discursos oficiais que serviam para legitimar o sistema vigente. Contrapondo-se a esses discursos, as escritas de mulheres como Sandra Cisneros desarticulam, assim, as identidades sociais, baseadas em conceitos unificadores. Com a consolidação da produção cultural Chicana escritoras inscritas nesta cultura, em geral, optaram pelo *spanGLISH*, uma vez que era usado no cotidiano dos Chicanos, como propósito manter a tradição hispânica, intercalando-a com a realidade bilíngue e bicultural: a literatura postula aqui, de tal modo, constrói identidades culturais alternativas que questionam prévios modelos patriarcais baseados na exclusão.

A prática cultural da escritora Chicana que apresentamos, a partir de suas complexas estratégias temáticas, formais e políticas, assumiram uma persistente crítica ao patriarcado, contestando o racismo, o sexismo e a homofobia estadunidense, bem como o sexismo e homofobia do nacionalismo Chicano, em paralelo o deslocamento, em sentido literal, remetendo à diáspora, e o deslocamento em sentido figurado, remetendo à sensação de estranhamento e desterritorialização pela separação do indivíduo ou grupo que emigra de sua tradição cultural e entra em contato com uma cultura outra, nos fez escolher a escrita de Sandra Cisneros para analisar neste trabalho.

Com isso, pretendemos desvelar como as identidades híbridas que são representadas por Sandra Cisneros e que também foram marcadas pela experiência da imigração e transculturação no espaço geográfico delimitado como estadunidense.

Neste capítulo foi possível conhecer a trajetória da autora que estamos trabalhando, além de discutir as afinidades temáticas presentes na obra analisada. No próximo apartado

cuidaremos de apresentar a obra elegida para análise da escrita da autora mencionada anteriormente, bem como algumas inquietudes plasmadas por esta obra.

2.3 DAS MARGENS: UM RIO DE CONTOS QUE CONTAM DA MARGINALIZAÇÃO

Percebemos que ao longo da historiografia ocidental, é possível compreender que as mulheres são concebidas como sujeitos desprestigiados. Igualmente notamos, ao decorrer das leituras literárias clássicas, a reprodução de um senso comum em relação ao ser-feminino na sociedade, desde a antiguidade até os dias atuais. Deste modo, propomos refletir sobre aspectos da constituição sociocultural, como uma base para reconsiderar as relações sociopolíticas e desconstruir o entendimento de que existe uma hierarquia entre Gêneros.

Igualmente, este debate surge da necessidade de adicionar às discussões teóricas existentes uma reflexão centrada na compreensão da mulher para além da perspectiva biológica. Portanto, nos propomos a discutir a visão essencialista do feminino, refletindo sobre as reproduções desta falácia no contexto social, histórico e político como forma de controle social, assim, buscamos desnaturalizar a homogeneização do ser-feminino.

Consideramos, então, fundamental discorrer sobre a questão mencionada a partir de textos literários para, com base nisto, construir a reflexão sobre as possibilidades do ser mulher, para isso, estamos nos baseando na autora Sandra Cisneros, como foi discutido anteriormente, pois, de acordo com Bhabha (2013), nos textos literários podem ser percebidos os efeitos sociais do deslocamento cultural e do movimento diaspórico.

Assim, intuímos que aqueles que eram vistos como sujeitos marginalizados, ganham voz em narrativas repletas de marcas constituintes das singularidades que (des) constroem os pressupostos antes naturalizados, por isso, reforçamos o caráter inovador da obra de Cisneros, bem como a sua importância para o âmbito da crítica literária.

Destarte, apresentamos a obra que vamos nos debruçar: publicado em 1994, o exemplar **El Arroyo de la Llorona e otros cuentos**³⁸, narra a história de mulheres mexicanas que vivem sob as regras do patriarcado. Em sua obra, Sandra Cisneros ressignifica alguns mitos e símbolos da cultura mexicana, tais como La Llorona, todas ligadas aos estereótipos

³⁸ A edição que estamos usando para esta análise é uma tradução do texto originalmente em língua inglesa, para a língua espanhola. Considerando que tradução é também um ato de interpretação, julgamos necessário esclarecer que compete a Liliana Velenzuela a missão de traduzir os escritos de Sandra Cisneros. Vale ressaltar que a autora em questão aprova a tradução feita por Velenzuela.

femininos ainda hoje presentes na sociedade, tais como a mulher pura e ideal para o matrimônio, a traidora e a histérica. O esforço de Cisneros consiste em distanciar tais símbolos de sua conotação tradicional e transformá-los em uma via de luta contra o sistema patriarcal. Assim, a obra que propomos analisar não mais servirá para reforçar a identidade da mulher construída pelo patriarcado, pois pretendemos usá-lo como símbolo da libertação feminina de relações opressoras.

Cisneros nos apresenta a vida de mulheres e seus filhos, descendentes de mexicanos, mas nascidos nos EUA, vivendo em condições de opressão dupla, por serem mulheres e por pertencerem a um grupo étnico marginalizado. Vivem em um entrelugar, com um cotidiano permeado, de um lado, por suas heranças mexicanas e, de outro, por uma realidade de comportamentos e tradições que aumentam a sua situação de sujeito oprimido.

Este registro literário, assim como grande parte da obra de Cisneros, representa dentro da literatura, o ápice do que é conhecido dentro do movimento feminista como a terceira onda. Este período é conhecido por suas teorias pós-feministas, como já mencionamos, denuncia o preconceito do próprio movimento. Junto com as negras, as feministas Chicanas surgem para nos mostrar que a liberdade da mulher branca se fazia graças à opressão racista de outras mulheres.

A literatura Chicana seria, portanto, uma escrita de transação, ou seja, um local para se desenvolver conciliações, trocas de vivências e transferências de experiências. Pois as escritoras Chicanas ocupam um lugar de fronteira para pensar criticamente o passado e presente dos membros de sua comunidade, situados em culturas distintas.

Como pontua Cristiane Cortes na obra **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo (2017)**:

É por promover essa desarticulação na ideia de nação e inserir uma consciência coletiva e nacional ausente que podemos afirmar que a concepção de escrevivências assume um papel, além de estético, político, um manifesto de resistência, um silêncio transgressor que faz da literatura uma escrita a serviço da noite, uma potência em contraposição a experiência que pode aprisionar em uma dinâmica de coerção e captura. (CORTES, 2017, p.59)

Assim é a escrita de Cisneros, uma grafia que se debruça sobre as suas vivências e as de seu povo - denunciando as mazelas e enaltecendo as belezas dessas existências -, que nos conduz, a partir deste compilado, a refletir ou simplesmente admirar as vidas Chicanas.

Tal como mencionamos, o exemplar que vamos analisar reúne vinte e quatro contos, divididos em três partes, que discorrem sobre a vida de várias personagens em contexto de diáspora, que vivem em fronteiras culturais e identitárias, as quais, nos Estados Unidos da América, como imigrantes, sofrem com os choques culturais entre mulheres – pelo olhar fantasioso do patriarcado, e mulheres que não querem atender a estes desígnios.

Além disso, a autora costuma trazer às suas obras um distanciamento entre símbolo (mulher) e sua conotação (construção social da identidade feminina), que a partir de representações idealizadas propagam a situação da mulher na sociedade patriarcal. Nesse sentido, as personagens dos contos presentes na obra, anteriormente mencionado, nos ajudam a pensar sua relação com o meio social e as conotações que daí emergem.

Uma tendência da nossa sociedade é culpar mulheres: “Soy la culpable por causar tanto dolor (CISNEROS, 1996, p. 74)”, que não têm o sonho do matrimônio e da maternidade como plano de vida, por isso insistimos que o movimento feminista foi o primeiro movimento pela justiça social que põe sobre a mesa as mais complexas relações, chamando atenção para a dominação masculina dentro dos lares, revelando abusos físicos, psicológicos e morais: “Ella siempre había dicho que devolvería los golpes si un hombre la golpeara. Pero cuando llego el momento y la cacheteo una vez y luego otra, ella no le contesto, no huyo como se imaginaba que lo haría cuando veía esas cosas en las telenovelas (CISNEROS, 1996, p.52)

Os testemunhos saem, assim, do espaço privado, para serem denunciados ao público podendo, dessa forma, encorajar outras denúncias, como afirma bell hooks: “Todas hemos sido socializadas para aceptar el pensamiento patriarcal, una ética de la dominación que afirma que los poderosos tienen el derecho de gobernar [...]” (HOOKS, 2017, p. 101).

Esta dominação masculina ataca diretamente a autoestima das mulheres e é através do ataque físico e emocional que esta ferramenta consegue persuadir e humilhar, bell hooks (2017) afirma: “la masculinidad patriarcal enseña a los hombres que su consciencia de sí mismos y de su identidad, su razón de ser, reside en su capacidad de dominar a otros y otras (HOOKS, 2017, p. 96)”.

Unindo as palavras de bell hooks, agregamos a esta reflexão Pierre de Bourdieu, que no livro **A dominação masculina** (2014) afirma:

A ordem social funciona como uma imensa maquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades

atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (BOURDIEU, 2014, p. 18).

Para que nossa luta seja efetiva, devemos vibrar para que todos possam criticar e desafiar a dominação masculina em busca da equidade social, assim: “sabemos que la masculinidad patriarcal anima a los hombres a ser patológicamente narcisistas, infantiles y psicológicamente dependientes de los privilegios que reciben por el simple hecho de haber nacido hombres (HOOKS, 2017, p. 96,97).

Por isso, muitos homens se sentem muito ameaçados pelas falas feministas, pois elas colocam tudo que aprenderam *em check*, pois: “Vive el choque entre el pensamiento patriarcal y los cambios feministas, un choque que está convirtiendo a la familia en un territorio en guerra, quizá con más enfrentamiento que cuando la dominación era norma en los hogares” (HOOKS, 2017, p. 101,102).

Vale salientar que nossa pesquisa está inscrita no campo da crítica literária, ela é feita de maneira bibliográfica, e com a colaboração de vários teóricos que articulam questões culturais, históricas e raciais. Esta abordagem vai de encontro à teoria tradicional e canônica. A produção literária que estamos analisando está à margem da literatura estadunidense, por se tratar de temas que confortam a cultura hegemônica branca e dominante.

Podemos entender o cerne do nosso objeto de pesquisa a partir da citação que segue: “O narrador tira retira da experiência o que ele conta: sua própria ou relatada experiência pelos outros. E incorpora às coisas narradas a experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 2011, p. 201).

A autora se inspira no vivido, e a ideia de escrevivências está relacionada com o coletivo, por isso acreditamos que nesta obra é possível mensurar as vivências Chicanas de maneira satisfatória. Caracterizado pelas fronteiras (geográficas, culturais, linguísticas) as imigrantes Chicanas vivem buscando preservar suas identidades, traços culturais e históricos, entrelaçados com a memória. Nesse sentido, também podemos afirmar que as imigrantes e escritoras Chicanas, a exemplo de Sandra Cisneros (e seus personagens), também têm suas identidades em constante tensão na relação tanto com grupo étnico, como na relação com a cultura estadunidense.

Hall (1998) em seus estudos sobre a identidade cultural na pós-modernidade, defende que a identidade do sujeito na modernidade tardia é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, tornando-se uma celebração móvel” (1998, p. 2) e não mais vista sob a ótica

de vários pensamentos que buscavam definir a identidade dos indivíduos como “plenamente unificada, fixa, completa segura e coerente”, o que, na sua percepção, seria uma fantasia.

Neste sentido, Hall afirma que: [...] “as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 1998, p. 12). Tudo isso acontece em meio a um momento de intensa globalização, com o desenvolvimento incessante das tecnologias de transporte e comunicação que cada vez mais colocam o local e o global em contato.

Nessa perspectiva, podemos dizer que existe uma tradição cultural criada que, através da tradução, vai se transformar em novas tradições, revelando assim os processos de transformações pessoais e sociais. Normalmente imigrantes mexicanos ou de outros grupos étnicos nascidos em seus países de origem, o pertencimento à determinada cultura está intrinsecamente imbricado com a identidade.

A fronteira é um lugar privilegiado para pensar as constantes reformulações e negociações que aí acontecem, uma vez que, nesses lugares, os sujeitos têm suas identidades entrelaçadas. Assim, o tema da “fronteira” ganha centralidade também nesse estudo, uma vez que esta questão está entranhada na literatura de Cisneros.

A identidade do povo Chicano, em meio a uma sociedade que impõe seu imperialismo ao mundo, é considerada um ponto de resistência. Ou seja, em um mundo que consome o “*americanizado*”³⁹, como hegemônico e universal, um bem a ser atingido.

Não podemos deixar de mencionar que esta literatura Chicana é, antes de tudo, uma construção que confronta os cânones e os problemas sociais que atingem as margens, em uma mescla de ativismo e teorização e resulta em força promotora para a desnaturalização dos preconceitos e uma busca por equidade.

Como menciona Patrícia Alves de Carvalho Lobo (2015), em sua tese de doutorado:

Se cree que un análisis a la literatura chicana femenina de las tres últimas décadas permite mostrar que las cuestiones representadas literariamente traducen la coyuntura que enfrentan las mujeres chicanas en los EEUU y son una representación de la hispanidad en la sociedad norteamericana (LOBO, 2015, p.30).

³⁹ Lê-se: modo de viver estadunidense, vendido ao mundo como padrão de bem estar e sucesso.

É importante compreender que a cultura Chicana é recente, surge na década de 60 a partir do *el movimiento*:

La lucha de los chicanos por su autodefinición y autodeterminación en la sociedad norteamericana dominante. En la década de 60 resurgió un orgullo en la herencia hispánica debido al Movimiento. Algunos miembros de este grupo se unieron por una lucha política y social, con el objetivo de defender los derechos y el valor de su comunidad, intentando, así, resistir a una asimilación forzada en la sociedad angloamericana (LOBO, 2015, p.30).

Vale ressaltar que até poucos anos atrás, o conceito de Chicano carregava uma conotação pejorativa, utilizada para estereotipar os representantes deste grupo, porém, com a reformulação deste conceito, o termo ganhou um caráter identitário, além de ser um dos aspectos que fomenta a resistência à assimilação da cultura estadonidense.

Este termo funciona ainda como reafirmador para os que reclamam o direito as raízes e tradições hispânicas em uma realidade geográfica e cultural muito diferente. Ainda sobre *El movimiento*, os agora, “mexicamericanos”, latinos ou hispânicos (termo usado pelos próprios Chicanos), conseguem que o seu deslocamento os aproxime dos outros grupos de imigrantes. E fazem muita questão de destacar sempre suas raízes hispanohablantes, e ainda que eles não estejam submersos apenas a cultura dos EUA:

Consequentemente, ser Chicano é, interconectar uma consciência política e ideológica, compartilhar as mesmas interpretações das experiências e das características hispânicas, tendo orgulho da mestiçagem e aceitando o compromisso coma justiça o a mudança social.

Atualmente, outros grupos hispânicos podem se considerar Chicanos, esta percepção é importante para o entendimento de que o conceito de Chicano se alargou agregando a sua luta mais vozes e letras hispanohablantes, como pontua Lobo (2015): “En ese contexto, ser chicana no es ser únicamente mexicana o estadounidense, pero es compartir el sentimiento de que se vive en los márgenes culturales de una sociedad dominante (LOBO, 2015, p. 34)”.

Cabe recordar que, nas primeras décadas *del Movimiento*, as vozes literárias que surgían eram normalmente masculinas: “Somos Mericanos, somos Mericanos y alla adentro la abuela enojada reza (CISNEROS, 1996, p.22)”.

Sin embargo, en los años 80, la literatura chicana femenina se desarrolló y se estableció como una expresión de los problemas concretos de las mujeres

chicanas, fuera de los cánones masculinos o del feminismo angloamericano. Es, así, una literatura que se nordea por un objetivo feminista revolucionario, de concientización de las otras chicanas y de revuelta contra las varias opresiones - de género, clase y raza - conduciendo a un cambio en el paradigma social (LOBO, 2015, p. 50).

Neste sentido, desnaturalizar conceitos como pureza cultural ⁴⁰urge.

Percebemos que através dos personagens *cisnerianos* é possível pensar o hibridismo como uma característica da vida em sociedade, pensando assim, na contemporaneidade, onde cada vez mais a pluralidade se apresenta como característica destes tempos pode propor um dialogo horizontal entre as diferenças.

Percebemos que isto contribui para o fortalecimento da identidade da mulher Chicana, pois, além de compartilharem seus conhecimentos sobre a herança étnica que carregam em sua constituição humana, elas ainda, por meio de suas personagens, denunciam experiências de mulheres vítimas das violências impostas pelo patriarcado.

E estas ainda subvertem os estereótipos femininos tradicionais:

Con profunda consciencia de la fragmentación de su identidad, estas escritoras buscan intervenir a través de su escritura, despertando la consciencia de sus lectores para la necesidad de cambiar modelos sociales que no se adecuan a su experiencia, con un claro propósito de activismo social, que además asumen tanto en sus textos como en entrevistas (LOBO, 2015, p. 90)".

É possível identificar, dessa forma, a relação dos Chicanos com a geografia dos Estados Unidos; a história desse grupo no território estadunidense; a identidade fragmentada devido ao hibridismo que passa da interseção das culturas indígena, mexicana e estadunidense; o desafio ao sistema patriarcal, através da subversão e da rejeição dos modelos masculinos; a tentativa de assumir o controle da sexualidade fora das tradicionais versões masculinas / femininas; a reformulação de figuras míticas para criar uma nova memória coletiva e novos modelos femininos.

Esta caracterização embebe toda a configuração de uma identidade Chicana, e do próprio Chicanismo enquanto movimento. É a partir deste entrelugar que ele se constrói condensa ao mesmo tempo em que se expande, ele se preserva à medida que se compartilha.

⁴⁰ A constituição histórico-social de nossa sociedade tende a naturalizar conceitos. Um deles é o de pureza cultura. Dessa forma, entendemos que somos constituídos por mesclas, tantas que não conseguiríamos mensura.

Um espaço de aproximações que não se estabelece como um ponto específico, fixo. Mas sim, uma justaposição de espaços que se entrecruzam. Todo e qualquer movimento cultural que promove ações mobilizadoras em torno de suas causas, sempre encontrou nas expressões artísticas um valioso suporte estratégico.

No caso do movimento Chicano, a arte literária assume um importante papel nos esforços de configuração do hibridismo cultural formador de uma identidade Chicana. A narrativa ficcional é uma das formas mais eficazes de aproximação e apreensão de toda esta heterogeneidade cultural.

A luta da minoria Chicana é relatada aqui a partir do registro literário de Sandra Cisneros onde encontramos expressões da cultura e vida diária que paulatinamente são reveladas e promovem uma recuperação da cultura de origem mexicana em território estadunidense. Pois percebemos que a autora conta testemunhos pessoais de lutas e de exclusão destes grupos sociais. Entendendo que levar estas discussões para o âmbito político e acadêmico, potencializa a luta.

Los grupos chicanos, desde los años sesenta y setenta, han luchado de manera abierta para evitar que continúe la imposición de normas culturales hegemónicas para tener el derecho a ser considerados participantes de una sociedad compleja multinacional de realidades múltiples. Han tratado desde todas las trincheras posibles de hacer respetar la convivencia pacífica de prácticas civilizatorias que mantengan la participación plural de los grupos sociales que habitan en los Estados Unidos. Es decir, han rechazado y resistido la americanización impuesta con un sólo modelo de aculturación, porque atenta contra los legados culturales propios, diferentes al modelo idealizado como el sueño americano (LOBO, 2015, p. 97).

Os caminhos percorridos pelas lutas Chicanas possibilitaram a consolidação das identidades, e assim, a permanência desta cultura em território estadunidense: “La memoria y la historia fueron instrumentos para la consolidación de los espacios políticos ganado.” (LOBO, 2015, p. 98).

Este movimento foi regado pela intenção comunitária de começar um processo de descolonizar o território, que a partir do envolvimento com as letras, pode ganhar destaque. Assim, o direito de falar sua própria língua foi um dos espaços encontrados pelos Chicanos como resistência aos processos de aculturação, convertendo os Chicanos não como uma parte do todo, mais sim como uma comunidade cultural de vida própria.

A partir das análises literárias que fizemos, e de discussões teórico-bibliográficas, percebemos que o racismo está de maneira implícita nas relações, este se dá tanto por questões geográficas, quanto por questões culturais. Tal reflexão nos leva a entender que as classificações as quais os personagens são submetidos, tem relação com o ideal criado desde os processos de colonização onde se criou o entendimento de que o homem heterossexual, branco e americanizado⁴¹ é o padrão a ser seguido.

E todos os outros, estão subordinados a este. Esta maneira de ler o mundo até os dias atuais encontra ecos na sociedade em que vivemos, estes ruídos podem ser encontrados na obra que estamos analisando. Esta hegemonia nos submete a um modelo dual, onde existe sempre a supremacia branca em detrimento aos “outros”.

Para las mujeres en pie de lucha comenzó a ser evidente que no sería fácil ocupar los espacios de reconocimiento y de equidad entre géneros para ser apreciadas como personas con derechos políticos en el marco de la justicia social. Fue necesario romper otros muros de sometimiento. La continuidad de los cánones patriarcales apegados a los valores, costumbres y creencias se cuestionó también. Las prácticas y prejuicios culturales asentados en viejas y nuevas tradiciones representativas de los roles de género de hombres y mujeres en sus interrelaciones cotidianas, atravesadas por el ejercicio del poder masculino tuvieron que cambiarse (GARCIA, 2010, p.222).

Parafraseando Anzaldúa (1999), pode-se afirmar que as fronteiras definem limites identitárias entre o “nós” e o “eles”. Dessa forma, como tentativa de redefinir os papéis femininos tradicionais e romper com modelos de conduta restritivos a literatura feminista Chicana procura retratar a condição de mulheres oprimidas nas esferas sociais, culturais, étnicas e de Gênero.

Portanto, de forma a oferecer uma saída para mulheres que não podiam romper com as fronteiras simbólicas tanto de sua condição como estrangeiras quanto de sua condição de mulheres, o feminismo Chicano tenta despertar, nas palavras de Anzaldúa, uma “consciência mestiça”. Para tanto, as Chicanas abandonaram um movimento coletivo que, apesar de sua validade, não preenchia seus anseios e abraçaram, assim, um movimento mais direcionado a questões femininas.

A luta das mulheres Chicanas consiste em algo bem mais complexo do que simplesmente direcionado à rejeição de uma cultura e à dificuldade em assimilar outra: as

⁴¹ Segundo doutora em História e Etnohistória, Virgínea Ávila Garcia, o termo referido nos desloca ao entendimento de que este remonta a cultura predominante nos USA. Ainda, consideramos impropriedade nomear tal cultura como americana, tendo em vista sua posição geográfica e suas relações culturais.

Chicanas enfrentam o dilema entre sair da própria individualidade e se adequar aos padrões de Gênero pré-estabelecidos por uma sociedade patriarcal que não oferece à mulher oportunidades de escapar a modelos de comportamento social e culturalmente delimitados.

Pode ser mencionado aqui, então, que os padrões de Gênero binários são naturalizados para servir à legitimação de determinado arranjo social. Com isso, a desigualdade entre homens e mulheres é considerada, dentro do regime patriarcal, não como resultante de construtos sociais, mas como inerente à natureza de ambos os Gêneros. O que torna ainda mais complexa a situação das Chicanas é que, em seu caso, as desigualdades de Gênero são acompanhadas da desigualdade de raça, etnia e construção identitárias. O sentimento de desconcerto e a vontade de “desterritorialização” com o mundo em que vive, enquanto espaço de desidentificação com o meio, faz com que as personagens se sintam deslocadas.

Neste apartado objetivamos apresentar a obra que será analisada do capítulo que segue. Além disso, discutimos de maneira breve sobre os temas desenvolvidos por Sandra Cisneros em sua obra.

3 (R)EVOLUÇÃO: PLEGADAS A LA TIERRA

*“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.”
(Bertold Brecht)⁴²*

3.1 O SER FEMININO: FILHA, ESPOSA E MÃE

A principal premissa que cerca a maternidade é a oportunização que ela traz para a mulher de imergir nos recantos mais profundos da própria psique. Esse contorno de sentimentos se manifesta no filho, já que, segundo o senso comum, tudo aquilo que acontece com a mãe, ou seja, como ela pensa, se sente, diz ou faz, afeta direta ou indiretamente o bebê, com quem se vive numa relação intensa e fusional. Nesses termos, a fusão emocional implica em uma relação marcada por absoluta dependência de todas as partes envolvidas.

Ao longo das décadas, a concepção da maternidade sofreu muitas alterações, porém, ainda está blindada ⁴³ por estigmas que acompanham as mulheres desde sua primeira infância. Elas são estimuladas a cuidar, pressentir todos os movimentos, além de se anular em prol das vontades do ser que gerou.

Acreditamos, dessa forma, que a romantização de viver em fusão emocional com o próprio filho resulta em relações doentes, já que tal imposição sugere que um sempre sabe o que o outro sente, não havendo assim, espaço para desempenhar livremente as individualidades. A integralidade oferecida pelo ser materno é, em nossa concepção, uma falácia que oprime e desgasta as mulheres, além de imergir as mulheres em culpas.

É possível constatar o que estamos discutindo, se observarmos as relações sociais, elas são feitas de pessoas individuais expostas aos erros e acertos próprios e do outro. Considerar que a mãe é capaz de prover toda a questão emocional de seu descendente é desumanizar essa

⁴² Foi um dramaturgo e poeta alemão do século XX. Seus trabalhos artísticos e teóricos influenciaram profundamente o teatro contemporâneo, tornando-o mundialmente conhecido a partir das apresentações de sua companhia o Berliner Ensemble.

⁴³ Pela sociedade, religião, Estado, Sistema econômico. Estas esferas sociais circundam a ideia de ser mãe, dificultando diálogos que permitam que o assunto *MATERNIDADE* seja flexibilizado, em certo sentido, podendo ele ganhar características que se assemelhem com a realidade de cada indivíduo envolvido neste evento.

mulher e tratar a cria como *tabula rasa* que necessita ser completamente preenchida pela mãe, e só por ela.

Acreditamos, dessa forma, que as relações familiares são importantes para a forma como reagimos ao mundo, porém a tal influência não pode se sobrepôr à personalidade, que já é percebida nos dias iniciais da vida. É importante destacar que o cuidado familiar é imprescindível ao ser que nasce, e não é este o nosso questionamento. Mas sim, o que arguimos neste apartado, é a definição de cuidar na qual está ancorado nosso entendimento: “Mamá me haciendo un pastel para hoy en la noche (CISNEROS, 1996, p. 8)”.

Notamos, conseqüentemente, que o impulso que naturaliza a ideia de que somente mulheres têm competência, “dom”, “instinto”, para cuidar das crias; chama-se: machismo. Pois a única função que pode ser avaliada como exclusiva da mãe é o aleitamento. Tal postura do sistema patriarcal se converte em útil para a permanência de mulheres enclausuradas na maternidade e na culpa, buscando alcançar padrões inatingíveis em função de um suposto bem-estar dos filhos.

Apoiados nas palavras de Elisabeth Badinter (1985), quando escreve em *Um amor conquistado: o mito do amor materno* que “a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico, dotado de aspirações próprias que frequentemente nada tem a ver com as do esposo ou com os desejos do filho (BADINTER, 1985, p. 25)”. A partir destas palavras, destacamos o quanto os modelos maternos disseminados pelo patriarcado têm conduzido mulheres e filhos a relações de dependência: “porque a mi abuelo siempre se encargara de que no les faltara (CISNEROS, 1996, p.76)”, principalmente para as mulheres que não têm a possibilidade de refletir sobre as conjecturas do sistema no qual estamos inseridos.

Gontijo Muniz (2018) nos esclarece que:

Se ser mãe é a experiência que parece justificar a existência de toda mulher, que nomeia uma identidade e significa socialmente o feminino, não sou nem mulher nem feminina, já que não tive filhos, recusei cumprir meu “destino biológico”. (MUNIZ, 2018, p. 9)

Fomos reduzidas a corpos expropriados da dimensão que é intrínseca ao de que vive, abreviadas a uma face, da total complexidade que é a existência humana. A tal fator endossamos nossa crítica, com o objetivo de entender que a cultura/ tradição heterodominante desde os primórdios da existência humana, define e valora papéis sociais baseando-se na diferença biológica existente entre homens e mulheres.

Por isso, é preciso defender que a mesma multiplicidade presente nas mulheres, está também impressa na mãe, pois a maternidade não pode ser definida como um conjunto universal de comportamentos e sentimentos.

Aspiramos a um olhar mais legítimo para a maternidade. Um olhar que compreende a maternidade como uma relação entre pessoas, e não como fonte de prazer e realização. Um olhar que contemple as mais diferentes falas acerca do tema. Um olhar que parta das mulheres. O que pleiteamos é, mais uma vez, o direito à escolha, a possibilidade de reflexão e ao entendimento das opressões que estão englobadas ao processo de maternidade.

Ao fim e ao cabo, o que podemos perceber é que há uma série de problematizações em torno da ideia de genetriz, que estão cruzadas por questões perenes, como cultura e religiões. Entretanto, a despeito de todas as problemáticas envolvidas, ao tomar a maternidade um conceito único e romantizado, definimos um único espaço pertencente à mulher: o seio privado.

Devemos ainda elucidar outra dimensão da maternidade, ao se situarem na híbrida fronteira, entre espaço público e o privado, esses corpos, mulheres-mães, vislumbram na maternidade o símbolo de esperança, principalmente nos espaços menos privilegiados economicamente. E será, justamente, o lugar materno que lhes garantirá a voz que lhe fora negada outrora.

Ou seja, por vivermos perante um sistema onde mães oprimem filhas, em um ciclo sem fim, jovens saem de casa em busca da maternidade como forma de emancipação, e em busca de uma falaciosa autonomia e uma perigosa liberdade. Sem a real dimensão das responsabilidades que demanda gerar e cuidar de uma criança: “Yo nunca voy a casar (CISNEROS, 1996, p.74)”.

Pensar coletivamente a maternidade desloca o político para as relações interpessoais, simples do dia a dia, e agrega outros significados ao fazer público, agora não mais distante dos agentes envolvidos e afetados com este debate. Isso significa pensar esses corpos como instituídos de qualquer possibilidade de ação.

Por isso, constatamos que discutir sobre ser mãe pode trazer ao espaço público uma potente resistência contra o patriarcado. Assim, inferimos que nisto reside a força da reflexão que estamos construindo: na aliança da ação coletiva em expor a precariedade e os perigos de uma percepção essencialista do que é a maternidade.

Retomando as palavras de Eliazbeth Bandinter (1985):

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. (BADINTER, 1985, p.66)

Como menciona a autora, as relações entre mães e filhos se dão ou não, o que realmente irá determinar a qualidade destas relações é a construção que ambos agentes envolvidos farão ao longo dos anos de convivência.

A escritora chilena Carola Saavedra descreve em sua obra, *Com armas sonolentas* (2018), de maneira lúcida e literária, vislumbra o que poderia ser a maternidade: “isso é ser mãe, pensou, um bicho sugando o outro” (SAAVEDRA, 2018, p. 58). Neste trecho, entendemos que o sacrifício e a reclusão não compõem de maneira intrínseca ao ato de ser mãe, e ainda, que a personalidade feminina não surge quando o feto nasce ela já está presente e pode ou não se vincular ao que nasce. Saavedra (2018) acrescenta:

Eu fiz tudo isso: gastei e pari e vesti e alimentei um pedaço de carne, chamado também de “outro ser humano”, e limpei suas secreções e excrementos e o coloquei num berço a salvo de intempéries e predadores, eu fiz tudo isso que minha mãe e minha avó e minha bisavó e minha tataravó e minha taratataravó haviam feito, mas nem por isso tornei – me mãe (SAAVEDRA, 2018, p. 176).

As palavras supracitadas nos indicam que a maternidade, tal como concebida no século XIX a partir de Rousseau, ganhou, na atualidade, a possibilidade de ser questionada, não mais vista como uma simples e padronizada experiência feliz que implica também necessariamente dores e sofrimentos. O trecho nos demonstra, ainda, que não existe uma adequação perfeita entre a natureza da mulher e a função de mãe, melhor dito, “a naturalização da personalidade feminina voltada para ser mãe feita para sofrer” (BADINTER, 1985, p. 80), é na atualidade concebida como falácia em alguns círculos de debate, porém, a sacralização do materno ainda age como seta conservadora na contramão da construção de um pensamento crítico acerca do que é ser mãe. Pois, na sociedade em que vivemos, o papel de esposa, é indispensável ao sistema patriarcal, este, não condescendente as realizações do feminino.

Neste novo paradigma, a mulher deixa de ser a figura que apenas complementa o homem, ela é entendida, agora, como aquilo que não compõe o masculino. Por este motivo, reiteramos a influência que tal discernimento incide sobre as vidas femininas desde a infância e pelo decorrer da existência, pois percebemos que os antigos paradigmas de maternidade, condicionam e esterilizam meninas, sendo tais marcas profundas e difíceis de serem percebidas, deixando as mulheres, muitas vezes, em mais uma condição de vulnerabilidade emocional, presas à infância, e buscando, inconscientemente, e a todo custo, o cuidado que lhes foi negligenciado.

Nas palavras de Badinter (1985), assimilamos, que:

Mais uma vez, lembra-se à mulher que a maternidade não consiste apenas em dar à luz os filhos. A função de mestra acrescenta-se de procriadora, lactante e educadora. É ela quem deve transmitir as primeiras e fundamentais lições da língua materna, da geografia, da história, que nenhuma outra boca pode dar tão bem quanto a da mãe. Enquanto os filhos não vão para o colégio, ela pode se fazer de preceptora, ajudá-los a estudar e iniciá-los no latim. Mais tarde, poderá decidir, juntamente com o marido, sobre a educação do filho. Mais ainda, poderá substituir um marido demasia do ocupado com seus negócios, e combater a influência por vezes nociva da escola. Professora de seu filho será igualmente sua inspiradora, sua conselheira e sua confidente. (BADINTER, 1985, p. 95).

O peso da expectativa que a maternidade impõe sobre a mulher, é, antes de tudo, desumanizador, impossível de cumprir e conciliar com os desejos comuns a um indivíduo em idade fértil. O dever de educar, prover e proteger que recai sobre a mulher exime de toda e qualquer responsabilidade o papel do genitor, além de exonerar o Estado dos cuidados que ele deve ter para com todos os cidadãos.

As ideologias do século XIX estenderam sobre a mulher mais e mais funções, por isso, o ideal de mãe devotada ainda assombra nossos dias. Assim, percebemos que os discursos religiosos têm uma função estruturante, quando citamos a permanência de uma concepção conservadora de organização familiar e premissas morais na contemporaneidade, mesmo que estas não façam sentido, tendo em vista o avanço em termos legais e teóricos no contexto das discussões de Gênero.

Como expõe Badinter (1985):

Ao procurar definir-se como ser autônoma, a mulher devia fatalmente experimentar uma vontade de emancipação e de poder. Os homens, a

sociedade, não puderam impedir o primeiro ato, mas souberam, com grande habilidade, opor-se ao segundo e reconduzir a mulher ao papel que já mais devia ter abandonado: o de mães (BADINTER, 1985, p. 134).

As forças ideológicas que empurram a mulher em direção à maternidade são múltiplas, e seguem se reorganizando e se redefinindo em muitas frentes, e isso, em muitos momentos, dissipa a discussão da centralidade do tema, como também da sua urgência e importância.

Neste capítulo inicial, tratamos de apresentar a concepção de maternidade, desde onde partimos para refletir as palavras de Sandra Cisneros. No próximo apartado, iremos discutir os fatores que fazem com que a maternidade seja uma forma de perpetuar o machismo.

3.2 A CONSTRUÇÃO MENTAL QUE SUSTENTA O PATRIARCADO: A MÃE

Como já foi apresentado, a obra de contos que estamos analisando, *El arroyo de la llorona (1998)*, nos proporciona uma mostra para considerar a maternidade no contexto de fronteira, a partir das palavras de Sandra Cisneros.

Lembramos, então, que muitas vezes a maternidade é responsável por reiterar comportamentos machistas, bem como, inferiorizar a mulher. Uma das premissas mais populares que estigmatizam este tema é: Mãe em tempo integral. Uma ideia equivocada que ainda se perpetua. Um pressuposto traiçoeiro que é estendido de um período curto, em que o bebê realmente precisa da mãe, para toda a vida de muitas mulheres.

Sobretudo na vida das mulheres que decidem não se curvar à dependência masculina, e das mulheres cujos companheiros não se tornaram parceiros após este acontecimento que é o processo gestacional: “La esperanza de encontrar al hombre que pudier enderezar mi vida arruinada, para preguntar si las monjitas buenas acaso sabiean el paradero de un tal boy baby (CISNEROS, 1996, p.75).”

Quando analisamos mais profundamente o patriarcado e o que ele exige das mulheres e dos homens, chegaremos à conclusão da profunda contradição que se baseia este sistema. As mulheres, especialmente as não brancas, foram classificadas ao longo da história como emotivas, em contraste aos homens sempre restritos ao âmbito da razão. A partir de tal premissa, foi negado o direito ao voto, ao trabalho em âmbito público e até mesmo o direito às

escolhas mais subjetivas, como por exemplo, decidir sobre relacionamentos amorosos e preferências sexuais.

Este pensamento regeu nossa sociedade por anos, e certamente ainda incide sobre nossa coletividade, em um inconsciente coletivo que reproduz os mais diferentes estereótipos relacionados à maternidade.

Mas, o mesmo patriarcado que separa homens e mulheres entre razão e emoção, é o patriarcado que justifica estupros, assédios e demais violências sexuais, com base no argumento de que o homem não consegue conter seus impulsos biológicos. A lógica conflitante heterodominante se estende em várias esferas, sufocando as existências humanas em caixas invisíveis.

Por isso, é necessário construir um canal de diálogo que vislumbre a possibilidade de um mundo diferente, mais diversificado e respeitoso em relação a direitos humanos e as diferenças. E cabe ao movimento feminista, representado em várias esferas sociais, protagonizar o enfrentamento aos dizeres patriarcais.

Fica ilustrado, dessa forma, que a nossa sociedade foi organizada para negar os direitos femininos, estabelecendo papéis diferentes para homens e mulheres, sendo as atribuições femininas, sempre inferiores e subordinadas aos anseios masculinos, isso caracteriza nossa cultura, na qual, o homem tem mais poder e mais direitos.

Ao penetrar nas letras de Sandra Cisneros, é possível construir um alto grau de identificação com suas personagens, pois, as situações descritas pela autora, remontam o cotidiano de uma sociedade onde a heteronormatividade se faz lei. Iniciaremos nossa análise no conto *Esa Lucy mi amiga, que huele a maíz*. Nele, o cotidiano de uma família Chicana é relatado com detalhes, e o lugar social da mulher é discutido, como demonstraremos a seguir nas palavras da autora:

Mamá en la cocina le da de comer ropa a la lavadora de rodillos y la ropa sale toda tiesa y torcida y aplastada como papel. A Lucy se le atoró el brazo una vez y tuvo que gritar ¡Amaaá! y su mamá tuvo que poner la máquina en reserva y la mano volvió a salir con el dedo negro y luego se le cayó la uña. (CISNEROS, 1996, p. 4)

Um dos traços comuns a esta literatura é ainda o desafio às noções patriarcais impostas ao Gênero feminino. Neste sentido, a experiência como mulher em duas culturas de domínio masculino, a Chicana e a estadunidense dominante, carrega em obrigações o fazer feminino,

sendo este, condicionado as definições de moralidade e de ordem social, visando o controle sobre os elementos do sexo feminino. Por exemplo, a exaltação da virgindade feminina ou a da maternidade como únicas formas de dignificar a condição feminina.

Assim, percebemos que as Chicanas são geralmente caracterizadas pela relação com os homens, a quem têm de obedecer, primeiro como filhas de alguém, depois como esposas e mães, o que as remete novamente para uma posição social subalterna, sendo o ideal de mulher aquela que se submete aos mandos de seu dono.

Portanto, podemos apontar que o Gênero feminino encontra obstáculos quando contraria a tradição, uma vez que nos moldes da sua herança cultural é um ser cujo corpo funciona como espelho de todas as infrações que cometeu ao longo dos mitos e lendas contadas ao seu respeito.

Interligado a questão da submissão, descrita anteriormente, percebemos, no conto de **Lucy**, que o ambiente privado e o cuidado com a casa e os filhos, segue sendo atrelado ao feminino, como o próximo trecho demonstra:

No hay ni un niño aquí. Sólo niñas y un papá que casi no está en casa nunca y una mamá que dice *¡Ay! Estoy bien cansada* y tantas hermanas que no hay tiempo ni pa' contarlas. (CISNEROS, 1996, p. 4)

Apreendemos desta citação que a personalidade machista é intensificada pela experiência dos Chicanos em território estadunidense, pois lhes é negada a proteção/ sustento das suas famílias, para eles, sinônimo de honra e virilidade. Em consequência, emergem as personalidades autoritárias e violentas.

É neste contexto familiar, baseada em noções que enfatizam a superioridade da natureza masculina, que as Chicanas têm como função servir ao homem. E o masculino, segue desobrigado e omissos aos cuidados e afazeres domésticos, causando uma sobrecarga na mulher. Além disso, percebemos que as crianças que rodeiam este tipo de rotina familiar, têm a tendência a reproduzir estes padrões estereotipados de ser e estar no mundo.

É importante destacar que, na sociedade ocidental atual, o machismo e o capitalismo estão intimamente ligados. O machismo dos séculos anteriores foi reforçado pela ascensão burguesa ao poder, agregando novas práticas ao sistema patriarcal. Uma delas foi à mecanização do trabalho e a mudança da estrutura econômica, com predomínio de indústrias e a urbanização. Nesse processo, as primeiras indústrias automatizaram o trabalho que era atribuído às mulheres (como a produção de tecidos e velas).

Diante disso, a burguesia legitimou a família nuclear, caracterizada por pai, mãe e filhos, com diferenciações entre seus membros: O homem deve ser o chefe e provedor, não pode chorar, deve solucionar todos os problemas, não pode hesitar, não pode se subordinar a ninguém, não pode ser afetuoso, deve usar roupas sóbrias; A mulher, mãe, esposa e escrava. Subordinada ao chefe, ela vai gerenciar o espaço privado, decidindo como administrar o dinheiro do trabalho do marido do seu lar; e, por último, os filhos, divididos pelo Gênero, imitavam o que era feito por seus pais. Também se subordinam ao homem, sob pena de serem repudiados e expulsos da família.

Para esse sistema funcionar, a mulher tem de ser dócil e submissa ao marido, só se realizar na maternidade e nos cuidados com a família. E o mais importante: ela precisa gastar. Estar sempre insatisfeita com o corpo, casa e casamento, pois sua função em uma sociedade capitalista é gastar dinheiro, fazer compras, de modo a manter a estrutura econômica funcionando. Se ela se sente infeliz, precisa ser estimulada a fazer compras para compensar suas frustrações.

Apesar do óbvio desrespeito à diversidade e à realidade, é o imaginário desse modelo machista de família que é imposto a todas as pessoas através de pressão religiosa, do discurso médico e científico, propagandeados pelos meios de comunicação de massa, devido a sua forte influência em todas as camadas sociais, são eles um dos fatores responsáveis por manter o machismo em nossa sociedade.

No conto **Barbie – coa**, que conta a relação às crianças Chicanas com os brinquedos estadunidenses podemos perceber a partir das palavras de Sandra Cisneros, como as brincadeiras remontam o sistema em que se vive: “Luego, las dos Barbies se pelean. ¡tarada! Él es mío. ¡ay, no, no es, apestosa! Sólo que el Ken es invisible, ¿no?” (CISNEROS, 1996, p. 16).

Existem algumas coisas que elucidar no trecho anterior: em primeiro lugar, a *Barbie*; esta marca em forma de boneca era e segue sendo um dos brinquedos mais desejados por meninas de todo o mundo. Estas bonecas personificam todo luxo e glamour que o capitalismo prega, além de plasmarem corpos da moda, ditos saudáveis e desejáveis.

Em segundo lugar pontilhamos a rivalidade entre as personagens, que projetam em uma brincadeira situações de seu cotidiano, a disputa entre mulheres por um falo precioso.

E, por fim: a efemeridade da condição de crer possuir um homem. Este fator é demasiado importante, pois no sistema que vivemos, as relações são dadas um tom de posse, de pertencimento e até propriedade, em vários graus. Fator este intimamente ligada à lógica burguesa de propriedade privada.

A resistência a esse modelo machista, pouco adaptado às necessidades atuais, passa necessariamente pelos meios de comunicação social, as universidades e escolas. É imperativo divulgar e incentivar abordagens menos machistas e mostrar que é possível um mundo diferente, mais diversificado, respeitoso e generoso. Que ponha verdadeiramente as diferenças em diálogo, pois de todos os preconceitos presentes no inconsciente coletivo, o machismo certamente é o mais letal e sem dúvida o mais difícil de desenraizar, principalmente por contar com oprimidas e opressores muitas vezes do mesmo lado.

No conto **Mericanos**, o qual nos relata a profunda relação dos Chicanos com o território em que vivem, foi possível perceber:

Niña. No podemos jugar con una niña. Niña. Es el insulto que'ora les gusta más a mis hermanos; ya no andan diciendo maricón. Eres una niña, se gritan uno al otro. Avientas la pelota como una niña. No quiero que me digan niña. (CISNEROS, 1996, p.20)

O comportamento enraizado nas mentes e corpos que são frutos que este sistema proporciona; Momentos de negação e miopia em relação à compreensão de qual lado estão; A percepção de quem é verdadeiramente o inimigo inviabiliza lutas e dispende energia com situações improdutivas, se nota, ao refletir sobre o trecho anterior, que a falta de autoconhecimento nos impede de definir quem somos. Instituir nossas vontades e não nos inflamar por palavras que não estão de acordo com a sua definição de si mesmo.

A experiência Chicana em território estadunidense está interligada com a história da fronteira entre o México e os EUA: um passado de colonização, violência, discriminação, hierarquias de classe e de raça e repressão linguística. As semelhanças entre a colonização das mulheres índias e a das mexicanas da fronteira incluem modos de subjugação cultural e linguística. Além disso, tal como os espanhóis utilizaram a religião como ferramenta de controle e homogeneização cultural, os estadunidenses conceberam programas de americanização com o mesmo intuito.

Com o advento da burguesia, também fomos brindados com a ideia, ou melhor, com o ideal de amor. O amor burguês define que para a mulher ser feliz, ela deve almejar o casamento, com um único homem, não ter relações sexuais até este momento e ser, a mais bela e prendada possível.

No conto **El Arroyo de la llorona**, uma releitura feita por Sandra Cisneros da lenda da *Llorona*, podemos perceber no trecho que segue que a paixão serviu e serve, ainda nos dias atuais como ópio para uma grande porcentagem de mulheres, que iludidas por essa ferramenta se sujeitam e se submetem ao patriarcado e a sua perversidade:

Que estuve esperando desde que tenía edad para recargase contra los aparadores de gasa y mariposas y encaje, es la pasión. [...] la pasión en su esencia más pura. Como la que describen los libros y las canciones y las telenovelas donde uno encuentra, finalmente, el gran amor de su vida y hace todo lo posible, lo que debe hacer coste lo que coste. (CISNEROS, 1996, p. 48)

É possível construir um paralelo entre o conto anterior e **Una santa noche**, neste conto, por sua vez, a paixão e a inocência são mais uma armadilha para uma jovem menina, que por falta de instrução, se deixa levar pelo encanto de certo descendente dos deuses Maias. Como descreve Sandra Cisneros:

Sólo sé que yo no quería que la cosa fuera así. No contra una pared de ladrillo o agachados en algún coche. Quería que se desatara como un hilo de oro, como una carpa llena de pajaros. Como debe ser, como supe que sería cuando conocí a boy baby (CISNEROS, 1996, P. 30)

É neste sentido que tentamos conciliar as várias realidades onde se movimentam as Chicanas, evidenciando as consequências das opressões que estas mulheres vivem. Pois entendemos que após o processo de desvelar as reais condições e dilemas enfrentados pelas Chicanas, permeada em uma identidade fluida, hibridismo cultural, político, estético, linguístico e sexual. Podemos encontrar respostas que ressignifiquem as vidas de quem ousar ler estas reflexões. Para que possamos ser preparados para a vida, e não acreditar que: “sufrir de amor es bueno. De alguna manera. El dolor es dulce (CISNEROS, 1996, p. 49)”. constatada na experiência Chicana que protagonizam

O hibridismo, uma das características mais latentes nas fronteiras, contribui para novas formações culturais, que desafiam as estruturas dominantes. Estamos fazendo menção ao modelo, completamente contraditório, que encontra na diferença possibilidade de se fortalecer, facilitando a interação de múltiplas manifestações culturais. Percebemos, dessa forma, um movimento de alteridade que a fronteira leva os seus habitantes, a reconhecerem-se simultaneamente no “eu” e no “outro”, apresentando uma sensibilidade migratória forjada na dupla consciência identitárias.

A noção de fronteira como metáfora de hibridismo é crucial para os estudos pós-coloniais, dado que representa um espaço de energia, de fluidez, de mudança e de revisão dos elementos opostos que a compõem, versando sobre as barreiras/ligações entre pessoas, nações e indivíduos, que vive na intersecção de várias realidades.

No conto **Nunca te cases con un mexicano**, percebemos um relato acerca de um casamento com um homem puramente mexicano, e é possível inferir que esses relacionamentos são evitados, pois a esperança está exatamente no movimento de conseguir um casamento com um estadunidense, para que assim, seja possível se afastar das raízes, ou melhor, se aproximar do dominador, como podemos perceber:

Mi madre siempre enferma, y demasiado preocupada por su propia vida, nos hubiera vendido al diablo si hubiera podido. E que me casé tan joven, mi'ja, decía. Es que tu padre era mucho mayor que yo y nunca pude disfrutar de mi juventud. (CISNEROS, 1996, p. 81)

Da mesma forma que o conto anterior, voltamos a **El Arroyo de la llorona**, para construir mais um paralelo, agora tendo como tema o casamento, que no conto anterior foi descrito como fato a ser evitado, e agora, já consumado, perde o sentido antes sonhado a partir das novelas e livros disponíveis:

En la mañana a veces antes de que él abra los ojos. O después de hacer el amor. O tal vez sencillamente cuando él está sentado frente a ella en la mesa metiéndose un bocado y masticando. Cleófilas piensa: este es el hombre al que he esperado toda mi vida. (CISNEROS, 1996, p. 53)

E acrescenta, no mesmo conto:

No que no sea un hombre bueno. Ella tiene que hacerse recordar porque lo amo mientras cambia los *pampers* del bebe o cuando trapea el piso del baño o intenta hacer cortinas para las entradas sin puertas o cuando blanquea las sábanas. O duda un poco cuando el patea el refrigerador y dice que odia esta pinche cuidar de un homen (CISNEROS, 1996, p. 54)

Ainda a respeito deste conto, vamos destacar La Llorona, é a mais famosa lenda mexicana, com inúmeras variantes noutros países da América Latina, que assume também uma função social e reguladora, pois é um exemplo de como as mulheres se devem comportar como mães e esposas e as consequências que enfrentam caso desrespeitem esses papéis. Esta lenda converteu-se numa figura mítica que sobrevive desde o período pré-colonial adaptando-se aos vários momentos históricos e às culturas hispano-americanas, a personificação da mulher independente e com livre arbítrio, que intimida e amedronta o sexo masculino⁴⁴.

Entendemos que a mitologia serve como um código coletivo, que estabelece normas segundo as quais o indivíduo deve viver. Tais códigos influenciam particularmente as mulheres Chicanas, cuja identidade é definida por uma comunidade que apela à manutenção das tradições, através de imagens ou rituais facilmente reconhecíveis e identificadores da experiência mexicana, ou mesmo de histórias que passam de geração em geração pela tradição oral.

Os valores culturais que estas figuras míticas tradicionalmente representam, não só transmitem à Chicana noções patriarcais, como já não são coincidentes com a imagem feminina positiva. Por isso, defendemos que a revisão de tais valores é essencial para que as Chicanas se libertem dos constrangimentos comunitários e procurem a sua própria identidade.

Por meio da reformulação dessas narrativas poderemos romper com a mistificação produzida pelo domínio de códigos masculinos. A persistência da lenda é um bom exemplo da resiliência dos Chicanos na manutenção das tradições e reivindicação de uma subjetividade específica. Quando Sandra Cisneros recorre ao mito, procura uma reformulação que dignifique o Gênero. É possível elucidar essa discussão no seguinte trecho:

Ella siempre había dicho que devolvería los golpes si un hombre, cualquier hombre, la golpeará. Pero cuando llegó el momento y en la cacheteó una orquídea de sangre, ella no le contestó, no se saltó llorando. No huyó como se imaginaba que lo haría cuando veía esas cosas en las telenovelas. (CISNEROS, 1996, p. 52)

⁴⁴ Numa das versões mexicanas, esta misteriosa mulher é a deusa Coatlicue, que revive a entrada dos espanhóis e chora a morte dos filhos, ou seja, a do povo Azteca. A perda dos descendentes é apresentada como metáfora da supressão do passado e do futuro, uma vez que o colonialismo priva os povos conquistados da sua cultura e identidade.

Voltando ao conto **Nunca te cases con un mexicano**, a narradora nos aconselha: “Sin la cascara amarga que el vivir a diario con una esposa puede producir. [...] mejor no casarse que vivir una mentira. (SANDRA CISNEROS, 1996, p. 76) Ainda acrescenta:

Y nunca me voy a casar. Con ningún hombre. He conocido a los hombres demasiado íntimamente. He sido testigo de sus infidelidades y los he ayudado a estas. He desabrochado y desenganchado y concedida a sus maniobras clandestinas. He sido cómplice, he cometido delitos premeditados. Soy culpable de haber causado intencionalmente dolor a otras mujeres. (CISNEROS, 1996, P. 75)

O trecho anterior nos remonta o sentimento que as mulheres têm que conviver, uma culpa e uma dor, sem que se possa refletir sobre autonomia das escolhas, uma mulher não deveria ser culpabilizada por escolher um homem mau caráter. E segue argumentando:

Acompaña a su esposo, se siente ajena a su conversación, espera y da traguitos de cerveza hasta que esta se entibia, tuerce una servilleta de papel para hacer un nudo , luego otra para un abanico, luego otra para una rosa, asiente con la cabeza, sonrío, bosteza, sonrío educadamente, se ríe, en los momentos apropiados, se recarga contra la manga de su esposo, tira de su codo y finalmente aprende a predecir a donde va a llevar la plástica, de esto Cleófilas concluye que cada uno intenta cada noche encontrar la verdad que yace en el fondo de la botella, como si fuera un doblón de oro en el fondo del mar. (CISNEROS, 1996, p. 53)

Temos, dessa forma, um conflito geracional instaurado, pois enquanto os homens podem passar tradições de geração em geração, as mulheres repassam relatos de sofrimentos e subjugação. A escritora estadunidense Naomi Wolf, em ***O Mito da Beleza (1992)***, assenta que o elo entre as gerações de mulheres é “enfraquecido por definição”, o que perpetua é raramente divulgado ou instituído como saber tradicional. Como pontua a autora:

O ceticismo da época moderna desaparece quando o assunto é a beleza feminina. Ela ainda é descrita – na verdade mais do que nunca antes – como se não fosse determinada por seres mortais, moldada pela política, pela história e pelo mercado, mas, sim, como se houvesse uma autoridade divina lá em cima que emitisse um mandamento imortal sobre o que faz uma mulher ser agradável de ver (WOLF, 1992, p. 131).

Nessa mesma perspectiva, e inspirados na escritora supracitada, assinalamos que o patriarcado estimula a psique feminina a buscar a perfeição. Tudo isso em prol da paixão e da futura família que ela deve almejar conquistar. E ser perfeita, para uma mulher no patriarcado, é ser bela, magra e jovem. Uma beleza artificial que mina o bom relacionamento entre gerações de mulheres. Como discorre Wolf (1992):

A reação contemporânea é tão violenta porque a ideologia da beleza é a última remanescente das antigas ideologias do feminino que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor. Ela procura neste instante destruir às ocultas e em termos psicológicos tudo de positivo que o movimento proporcionou às mulheres abertamente e em termos tangíveis (WOLF, 1992, p. 27).

E segue explanando:

No momento em que as mulheres escapavam da venda de sua sexualidade num mercado matrimonial ao qual estavam confinadas pela dependência econômica, sua nova busca de independência econômica se defrontou com um sistema de permuta quase idêntico (WOLF, 1992, p. 40).

Toda a sucessão de violências descritas anteriormente incide sobre a mulher, e transbordam em forma de violência e tirania nas crianças. E, sendo a mãe a grande responsável por cuidar dos filhos, é ela que, na maior parte das vezes, perpetua violência verbal e física contra as crianças. Este problema sistemático de reprodução de comportamento violento por parte das mães precisa ser cuidado e debatido de maneira social.

Dessa forma, podemos entender que uma mãe é opressiva com seus filhos porque é assim como foi socializada, com muita violência cometida contra ela, a começar da imposição para que ela tivesse filhos, exigindo que sua vida fosse toda devotada à outra pessoa, enquanto a deixam sozinha e desamparada.

Esta é uma sociedade que oprime as mulheres, e que as obriga a serem mães mesmo quando não têm a mínima condição emocional ou financeira para cuidar de crianças. E ainda, coage meninas a tornarem-se mulheres muito cedo, narrando que devem ser lindas exteriormente, mesmo quando ainda são pequenas, encarregando-as de responsabilidades

muito antes de estarem preparadas. É sobre estas relações que estamos tentando construir uma reflexão, para que ao fim, possamos ter olhares mais generosos para ambos os lados destas veredas.

Neste capítulo refletimos a respeito do ciclo opressor que a maternidade constrói, aprisionando filhos e mães em uma relação de posse e desrespeito a ambos os envolvidos. Destacamos também como este mecanismo, o estereótipo de mãe, reforça os desígnios patriarcais, gerando assim ciclos de opressão. No próximo apartado trataremos das opressões sofridas pelas mulheres em ambiente de fronteira, bem como da resignificação destas opressões.

3.3 UM SONHO DE LIBERDADE: A MESMA OPRESSÃO

Infelizmente, a opressão de Gênero ainda se faz presente em boa parte do mundo e reverbera em nossas vidas e em nossas políticas, pois o sexismo é um estigma social, uma marca cultural deixada pelos tempos das invasões europeias, e isso tem sido difícil de extinguir do nosso cotidiano.

Neste sentido, o que notamos é que nas narrativas literárias clássicas, as mulheres estão sempre relacionadas a um homem, demonstrando que a autonomia das mesmas era/é inexistente, sempre sufocada pela escolta do ser masculino: “Mejor no casarse que vivir una mentira (CISNEROS, 1996, p.76)”

Por esse motivo, consideramos uma falácia a assertiva que entende que a mulher possui liberdade nos moldes sociais atuais.

O que podemos afirmar é que através de muita luta, arranhamos o patriarcado, e conseguimos respiros. Porém, as expectativas sociais são, em pleno século XXI, o que abala as lutas pela emancipação feminina, pois muitas mulheres ainda vivem em função da opinião alheia.

Assim, levando em consideração as lutas e debates que pleiteiam a liberdade do ser mulher, e se levarmos em conta que o poder é algo necessariamente nascido da articulação da linguagem humana em relações sociais, precisamos ampliar o ciclo de debates para que mais e mais mulheres deixem de estar sob o julgo da opressão.

A partir deste movimento, criamos uma relação de alteridade com o outro, sendo esta uma forma de criar âmbitos da participação social em que as demandas possam ser ouvidas e

refletidas coletivamente. Por isso, podemos dizer que, conversar, em termos políticos, é uma forma de criar empoderamento.

Agregamos a nosso raciocínio as palavras de Simone de Beauvoir, na obra **O segundo sexo (1980)**:

Não se deve, entretanto, acreditar que a simples justaposição do direito de voto a um ofício constitua uma perfeita libertação: hoje o trabalho não é a liberdade. Uma senhora importante e bem pensante fez recentemente um inquérito entre as operárias das fábricas Renault; afirma que preferem ficar em casa a trabalhar na fábrica. Sem dúvida, pois elas só conseguem a independência econômica no meio de uma classe economicamente oprimida; e por outro lado as tarefas realizadas na fábrica não as dispensam dos cuidados do lar. Na hora atual (...) em sua maioria as mulheres que trabalham não se evadem do mundo feminino tradicional; não recebe da sociedade, nem do marido, a ajuda que lhes seria necessária para se tornarem concretamente iguais aos homens (BEAUVOIR, 1980, p. 450).

Tal afirmativa elucidada que mesmo as mulheres se empenhando no mercado de trabalho, e em suas casas, seguem sem os mesmos direitos dos homens. Além disso, a dupla ou tripla jornada exercida pelas mulheres as sufoca e adocece sem que elas percebam, pois, além de toda opressão já exercida sobre a mulher, mais uma podemos acrescentar: a falsa e ideia que a mulher tem que suportar tudo, a todo custo, inclusive de sua saúde, para manter seu lar intacto. A autora segue pontuando:

Em verdade, a natureza, como realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, Mulher e Trabalho esse retorno. Os proletários dizem ‘nós’. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em ‘outros’ os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem ‘nós’. Os homens dizem ‘as mulheres’, e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito (BEAUVOIR, 1980, p. 13).

A autora esclarece que um longo caminho ainda precisa ser percorrido pelo movimento, em busca de melhores condições de vida, para que as mulheres possam se enxergar como sujeitos completos, que não necessitam da tutela do sexo oposto. Beauvoir,

ainda cita que a mulher deve se por autenticamente como sujeito, dessa forma, ela conseguirá se impor no espaço em que vive.

Atrelado ao comentário anterior, que os lares e a sociedade de maneira geral ainda vivem em função do masculino, e voltando a analisar o conto **El Arroyo de la llorona**, podemos comprovar mais adiante, nas palavras de Cisneros que:

Mamá me está haciendo un pastel para hoy en la noche y cuando papa venga a casa todos van a cantar Happy birthday, happy birthday to you. Vida gira en torno da figura masculina ocupadas recordando a los hombres que se habían ido, ya fuera por decisión propia o por las circunstancias, y que nunca regresarian (CISNEROS, 1996, p. 51)

Não podemos esquecer que a vida em sociedade pressupõe expectativas de comportamentos entre os indivíduos, e dos indivíduos consigo mesmos. Essas funções e esses padrões comportamentais variam conforme diversos fatores (como classe social, posição na divisão social do trabalho, grau de instrução, credo religioso, entre outros).

Dessa forma, as questões de Gênero vão mais além das relações sociais e dos papéis sociais desempenhados conforme o sexo do indivíduo, haja vista a desigualdade sexual existente para a figura feminina. Uma construção cultural, fruto da vida em sociedade, que varia temporal e historicamente, de cultura em cultura, conforme convenções elaboradas. E é nos lares que ainda presenciamos os desníveis circunscritos entre figura do homem e da mulher, como a autora segue pontuando no conto **Mericanos**:

Hay tantas gracias a dios que dar en nombre del esposo, de los hijos y de la única hija que tuvo que nunca van a misa. [...] la abuela enojona intercede por ellos. (CISNEROS, 1996, p. 18)

Assim, ao homem é a quem se responde e se deve submissão, em **Uma santa noche**: “por que él es el hombre de la casa. (CISNEROS, 1996, p.30)”. Neste contexto domiciliar a mulher ainda segue sendo considerada: “demasiado tonta para cuidarse de sí misma, no hubiera pasado nada y no me hubiera hubieran tenido que mandar a México.” (CISNEROS, 1996, p. 30). E é claro, que as premissas da propriedade privada se estendem as ruas, e as mais distintas relações interpessoais.

Outro fator que assombra as relações sociais é pensar na mulher e na sexualidade, pois por anos a mulher seguiu sendo castrada de seus desejos e de sua liberdade, sendo constantemente abusada, estuprada e mutilada: “Todas mis primas aquí en Mexico no me hablen o las que me hablan preguntan cosas que no están en edad. Lo que quieren saber en realidad es como es tener a un hombre, ya que les da demasiada vergüenza preguntárselo a sus hermanas casadas (CISNEROS, 1996, p. 78).”

Neste sentido percebemos, através de relatos historiográficos que os casamentos de outrora se davam por arranjos entre famílias, ademais, os matrimônios se davam entre adolescentes ou mesmo crianças.

Este é outro tema abordado por Sandra Cisneros: “entonces algo me mordió por dentro y salté un grito como si la otra, la que yo ya no sería más, hubiera salido de mí de un salto –.” (CISNEROS, 1996, p.31) Neste trecho percebemos que a autora materializa a completa falta de conhecimento de uma jovem sobre o ato sexual. E ainda elucida a percepção dela após o fato: “tenía que sentirme avergonzada” (CISNEROS, 1996, p. 33). Este retrato, construído por Sandra Cisneros, não estar apenas no âmbito literário, pois a desigualdade é uma construção de séculos de dominação, sendo sua desconstrução é um desafio sempre presente até nos âmbitos mais pessoais do ser.

Assim sendo, é necessário que os segmentos historicamente excluídos do poder construam novas portas de diálogo que permitam sair da situação de desigualdade em que se encontram.

Retomando a análise, destacamos também que a jovem, anteriormente citada, justifica o ocorrido por ter uma mãe ausente, como se fosse apenas dela a responsabilidade, em **El Arroyo de la llorona**: “no tiene siquiera una madre que le aconseje sobre las cuestiones como la noche de la boda, que dios la ayude. (CISNEROS, 1996, p. 50). Isso demonstra como a mãe é demonizada, e que o seio familiar não se sente corresponsável pela educação dos parentes. O espanto é que, apesar de vivermos em sociedade, uma incoerência se instaura, tratamos de cuidar das vidas alheias, como se isso fosse a personificação das reações sociais, porém, quando uma mulher necessita de real cuidado e amparo, a sociedade a julga, promovendo um linchamento social.

Mais um aspecto que nos chama atenção na leitura do exemplar de Cisneros é a hipersexualização da mulher, inoculando de forma sutil o erotismo prematuro no universo das meninas, um fenômeno tão crônico, tão incorporado que às vezes os adultos nem se dão conta: sutiãs, saltos, tops e minissaias, heroínas de séries com corpos esculturais, bufês

infantis que propõem concursos de beleza e desfile na passarela em festinhas de aniversário, entre outros.

O que nos faz pensar em outra inconsistência do patriarcado: meninas devem se tornar mulheres o mais rápido possível; e mulheres devem correr atrás da juventude a todo custo. Mais uma camisa de força que ata as mulheres ao patriarcado, de maneira óbvia, porém quase invisível.

Como descreve Sandra Cisneros em **La Fabulosa: una opereta tejana**:

Los hombres no podían quitarles los ojos de encima, ni ella nunca la miraban a los ojos. [...] e Carmen era de ese tipo de mujer de o lo tomas o lo dejas. Si no te gusta, ahí está la puerta. Así, nomás. (CISNEROS, 1996, p. 67)

Como se não bastassem tantas violências já relacionadas nas páginas anteriores, temos que evidenciar um tipo mais: a violência física. Cometidas no âmbito privado, onde deveria existir uma relação de afeto e respeito, existe uma relação de violência, que muitas vezes é invisibilidade por estar atrelada a papéis que são culturalmente atribuídos para homens e mulheres.

Atualmente, no Brasil, um dos instrumentos mais importantes para o enfrentamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres é a Lei⁴⁵ Maria da Penha - Lei nº 11.340/2006. Esta lei, além de definir e tipificar as formas de violência contra as mulheres (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral), também prevê a criação de serviços especializados, como os que integram a Rede de Enfrentamento à Violência contra a Mulher, compostos por instituições de segurança pública, justiça, saúde, e da assistência social. É dever do Estado e uma demanda da sociedade enfrentar todas as formas de violência contra as mulheres. Coibir, punir e erradicar todas as formas de violência deve ser preceitos fundamentais de um país que preze por uma sociedade justa e igualitária entre mulheres e homens.

Já em território estadunidense, o Congresso aprovou em 2013 uma ampliação da Lei sobre a Violência contra as Mulheres (VAWA, na sigla em inglês) para dar mais proteção a milhões de mulheres vítimas de ataques e agressões sexuais. Ela se estende agora às nativas americanas,

⁴⁵ Vale ressaltar que mencionamos esta lei, mas temos como responsabilidade ponderar acerca da qualidade das atitudes sem o cerceamento legal: Até que ponto as atribuições legais revelam o quão imatura são as discussões acerca da mulher na sociedade pós-moderna? Punir é, sem dúvida, uma medida necessária, porém paliativa.

homossexuais e imigrantes. O enfrentamento às múltiplas formas de violência contra as mulheres é uma importante demanda no que diz respeito a condições mais dignas e justas para as mulheres. A mulher deve possuir o direito de não sofrer agressões no espaço público ou privado, a ser respeitada em suas especificidades e a ter garantia de acesso aos serviços da rede de enfrentamento à violência contra a mulher.

Como também a violência contra mulher dentro dos matrimônios, em **El Arroyo de la llorona**:

Ella siempre había dicho que devolvería los golpes si un hombre, cualquier hombre, la golpeará. Pero cuando llegó el momento y en la cacheteó una orquídea de sangre, ella no le contestó, no se saltó llorando. No huyó como se imaginaba que lo haría cuando veía esas cosas en las telenovelas. (CISNEROS, 1996, p. 52)

Ainda refletindo sobre a violência física, destacamos que a autora ainda pontua que as convenções sociais, em muitos casos, são o motivo pelo qual as mulheres não denunciam, e que são obrigadas a se submeter, o sentimento de fracasso e vergonha permeia as relações construídas dentro deste ciclo de violência, em **El Arroyo de la llorona**:

Acompaña a su esposo, se siente ajena a su conversación, espera y da traguitos de cerveza hasta que esta se entibia, tuerce una servilleta de papel para hacer un nudo , luego otra para un abanico, luego otra para una rosa, asiente con la cabeza, sonrío, bosteza, sonrío educadamente, se ríe, en los momentos apropiados, se recarga contra la manga de su esposo, tira de su codo y finalmente aprende a predecir a donde va a llevar la plástica, de esto Clorofilas concluye que cada uno intenta cada noche encontrar la verdad que yace en el fondo de la botella, como si fuera un doblón de oro en el fondo del mar. (CISNEROS, 1996, p. 53)

De conformidade ao que estávamos discutindo, pontuamos mais um fator que a leitura de Sandra Cisneros nos elucidada: O amor. Ele tem sido visto, a partir de certo momento da História humana, como um dos elementos fundamentais de nossa trajetória pessoal. Com isso, surge o "amor romântico", mas só passou a ser uma possibilidade no casamento a partir do século XIX.

Antes, os casamentos se se dava apenas por interesses econômicos. A partir de 1940, a massa aderiu a este novo estigma. Mais uma vez, esbarramos nas tradições, criadas e disseminadas por um Gênero, masculinas; que partem de uma parte específica do mapa: Europa. Percebemos tais aspirações nas falas da personagem, em **El arroyo de la llorona**:

En la mañana a veces antes de que él abra los ojos. O después de hacer el amor. O tal vez sencillamente cuando él está sentado frente a ella en la mesa metiéndose un bocado y masticando. Cleofilas piensa: este es el hombre al que he esperado toda mi vida. (CISNEROS, 1996, p. 53)

A autora acrescenta:

No que no sea un hombre bueno. Ella tiene que hacerse recordar porque lo amo mientras cambia los pampers del bebe o cuando trapea el piso del baño o intenta hacer cortinas para las entradas sin puertas o cuando blanquea las sábanas. O duda un poco cuando el pateo el refrigerador y dice que odia esta pinche cuidar de un hombre (CISNEROS, 1996, p. 54)

Mais uma vez as expectativas criadas pelo amor romântico mutilam as mulheres e as empurram para uma vida vazia e solitária, mesmo que em momentos pensem em sair desde destino, se veem acorrentada:

A veces ella piensa en la casa de su padre. ¿Pero cómo podría regresar allá? Que desgracia. ¿Qué dirían los vecinos? Regresar a casa así, con un bebe en brazos y otro en el horno. ¿dónde está tu marido? (CISNEROS, 1996, p. 55)

Foi a partir da maternidade, uma das formas compulsórias de aprisionar mulheres física e emocionalmente, que o patriarcado conseguiu aprisionar e moldar o feminino que lhe é mais conveniente: “Yo nunca voy a casar (CISNEROS, 1996, p.78)”.

Somos programadas desde pequenas para amar o outro, para perdoar, aceitar, passar por cima, para não pensar, ou ao menos não pensar demais. Desde pequenas somos impostas à submissão, treinadas emocionalmente e condicionadas fisicamente para suportar o sistema heterodominante: “te queda en casa o maneja un coche. Eso si eres tan rica como para tener y permiso del marido para manejarlo” (CISNEROS, 1996, p. 56).

Sempre abaixo do domínio:

Su exesposo, su esposo, su amante, su padre, su hermano, su tío, su amigo, su compañero de trabajo. Siempre. Las mismas noticias espantosas en las páginas de los periódicos. Hundió un vaso en el agua jabonosa por un instante - y tembló. (CISNEROS, 1996, p. 57)

A mídia, grande reprodutora da ideologia dominante, contribui fortemente para a formação de nossa subjetividade. E, em função das discussões da atualidade, ela tem nos focado em debates pertinentes e alinhados ao feminismo. Mas não podemos esquecer que o intuito da mídia é meramente comercial, e que muitas vezes não se aprofunda nas discussões como deveria, expondo apenas um ponto de vista de maneira rasa. Ela cria imaginários que atrapalha os processos reflexivos para a libertação:

Cleófiles pensó que su vida iba a tener que ser así, como una telenovela, solo que ahora los capítulos eran cada vez más y más triste. (CISNEROS, 1996, p. 58)

Assim sendo, os sujeitos refletem um processo de interação entre vida social e mídias, mas também um processo político. A ideologia dominante nos universaliza a partir dos aparatos midiáticos: “Si no se pueden comportar como señoritas decentes cuando lleguen nuestros invitados (CISNEROS, 1996, p. 42)”.

Toda está criação é advinda da mídia, que com seu poder de difusão alcança todas as partes:

No hay gran cosa que hacer más que acompañar a las tías y a las madrinan a la casa de una o la otra a jugar cartas. O caminar al cine [...]. O a la casa de la amiga a ver el capítulo de la última telenovela y tratar de copiar la manera en que las mujeres se arreglan el cabello, se maquillan. (CISNEROS, 1996, p. 48)

Um dos resultados de toda opressão é que a mulher que não tem a possibilidade de refletir sobre tanta violência a qual é submetida, oprime a partir da maternidade perpetuando o machismo: “Salvador, tarde o temprano, llega antes o después con la hilera de hermanos

menores ya listos ayuda a su mama, que está ocupada con el quehacer del bebé” (CISNEROS, 1996, p. 10).

Se, por um lado, a desigualdade e opressão ainda convocam a mulher para a luta, por outro, ela reproduz os padrões de aprisionamento instituídos pelo patriarcado:

Salvador dentro de esa camisa arrugada, dentro de esa garganta que tiene que aclararse y pedir disculpas cada vez que habla, dentro de ese cuerpo de niño de cuarenta libras con su geografía de cicatrices, su historia de sentimientos heridos, extremidades rellenas de plumas y trapos, en que parte de los ojos, en que parte del corazón, en esa jaula del pecho donde algo palpita con ambos puños y sabe solo lo que salvador sabe, dentro de un cuerpo demasiado pequeño para conter los cientos de globos de felicidad, la guitarra única del dolor, hay un niño como cualquiera otro de esos que desaparecen por la puerta, al lado de la reja del patio dela escuela, donde les ha dicho a sus hermanos que lo esperen. (CISNEROS, 1996, p. 10)

Podemos dizer que usamos a idade e o sexo/gênero dos sujeitos para posicioná-los socialmente, dando-lhes determinados status e construindo padrões de comportamentos que acreditamos serem adequados para homens e mulheres de cada idade. Estes posicionamentos estão diretamente ligados à construção de identidades, e por isso a abordagem dos jovens enquanto sujeitos plenos, agentes com identidades, só podem ser alcançados por uma perspectiva que não despreze a dimensão fundamental do Gênero.

Desta forma, os posicionamentos, práticas e identidades (de Gênero) foram vistas como sendo construídas em constantes relações com seus pares. Além disso, precisamos celebrar os nossos corpos, aceitá-los como eles são, deixar de julgar e satirizar mulheres mais velhas por fazerem coisas simples que homens podem fazer sem serem importunados.

O envelhecimento é uma questão que atinge todos os seres humanos sem distinção de Gênero, ao menos no quesito fisiológico.

Lo que no entienden de los cumpleaños y lo que nunca te dicen es que cuando tienes once también tienes diez y nueve y ocho y siete y seis y cinco y cuatro y tres y dos y uno. Y tal vez un día cuando ya seas grande necesites llorar como si tuvieras tres y está bien. Eso es lo que digo a mamá cuando esta triste y necesita llorar. Tal vez se siente como si tuviera tres. Porque el modo como uno se hace viejo es un poco como una cebolla o los anillos dentro de un tronco de árbol o como muñequitas de madera que embonan una dentro de la otra, cada ano dentro del siguiente. Así es como tener once años. (CISNEROS, 1996, p. 6)

É colocada em nossas mentes a ideia de que os anos nos faz mais sábios, ou maduros. E isso pode ser verdade – mas uma verdade incompleta. A culpa dominou os corações das mulheres: “Porque ella es más grande que yo, y la maestra tiene la razón y yo no.” (CISNEROS, 1996, p.7)

As mulheres Chicanas, situadas nesta conjuntura, ainda se deparam com a intersecção de duas realidades culturais – a estadunidense na esfera pública e a mexicana na esfera privada. Esta ambivalência gera preconceitos vários, que acabam por constranger as expectativas e as aspirações que têm em relação à vida no espaço estadunidense. Na sociedade majoritária, os mecanismos de opressão servem o propósito de camuflar uma insegurança latente perante comunidades susceptíveis de causar desconforto.

Experiências negativas particulares com Chicanos são difundidas e generalizadas de modo a apoiar ideias racistas em relação às minorias, racionalizando-se a superioridade de um grupo face ao outro para justificar a existência de tais comportamentos:

E o nascimento da moderna família nuclear que constrói pouco a pouco o muro de sua vida privada para se proteger contra toda intrusão possível da grande sociedade: o amor isola o casal da coletividade e do controle que esta exercia outrora. O amor materno está na origem da criação do cunho afetivo que cujo interior a família vem se refugiar (BANDINTER, 1985, p. 179).

A Chicana moderna adota, pois, um modelo diferente face à sua família e comunidade, trazendo a própria visão e autodefinição a essas estruturas e procurando ter uma intervenção ativa tanto na cultura Chicana quanto na estadunidense.

Por conseguinte, os direitos da mulher alargam-se e os papéis familiares transformam-se, impondo-se novas realidades como o planeamento familiar, a redefinição da sexualidade ou o casamento igualitário. Porém, estas conquistas só lentamente se refletem nas esferas doméstica e comunitária, já que ainda permanece a conjuntura tradicional:

Me gusta cuando el hombre empieza a desvestir a la señorita porque es cuando papa nos da pesetas y nos manda al lobby, ándale, hasta que se vuelven a poner la ropa. Porque papa no mueve un dedo cuando está viendo una película (CISNEROS, 1996, p.13).

Se na comunidade Chicana, os elementos masculinos prosseguem com as tradições machistas e sexistas, existe ainda a oposição de outras Chicanas, que não se encontram preparadas para os desafios que a sociedade moderna global lhes propõe, boicotando a emancipação ambicionada pelos seus pares:

Sé que no soy la primera. Mi madre también se fue por el camino chueco, según dicen, y estoy segura de que mi abuelita tiene su propia historia, pero yo no soy nadie para preguntar. (CISNEROS, 1996, P.30)

Neste contexto de mudança do paradigma tradicional, a autora alude ao surgimento de novos desafios. Para a autora, a opressão externa repercute na interna, pois faz salientar as diferenças como justificação das arbitrariedades cometidas. A sua vida converte-se então na tentativa incessante de chegar a um ponto de equilíbrio, que lhes não só permita resistir ao fato de ambas às sociedades apresentarem níveis diferentes de justiça, de educação e de valores, mas também que propicie o exercício dos seus direitos essenciais, como a liberdade de escolha, o individualismo e a capacidade de ação.

Percebemos neste capítulo que as letras de Sandra Cisneros revelam as opressões sofridas pelas mulheres em ambiente de fronteira. Além disso, foi possível perceber que a autora se esforça no firme propósito de ressignificar as vidas femininas nas fronteiras. Dessa forma, no próximo capítulo pretendemos reinterpretar as imagens femininas que residem nas fronteiras, para com isso, construir⁴⁶ novas formas de se relacionar e conviver com mais generosidade.

⁴⁶ Caso tal afirmação lhe pareça utópica, sugiro conceituar a utopia a partir de Eduardo Galeano em *El derecho al delirio*. Nesse texto ele nos ensina que o sonho, bem como as palavras, criam a realidade e nos permite caminhar.

4 OUTRAS POSSIBILIDADES: UMA PROPOSTA PARA (RE) PENSAR AS NATURALIZAÇÕES DA TRADIÇÃO OCIDENTAL BRANCA E HETERONORMATIVA

“Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar”.
(Angela Davis)⁴⁷

4.1 A ESPERANÇA QUE NASCE DO COLETIVO: SOU PORQUE SOMOS

O feminismo se trata de um movimento de reivindicações de direitos por sujeitos específicos da sociedade, as mulheres. Como tal, estes direitos que o movimento reclama chegam num tempo histórico inserido em contextos sociais específicos, como vimos nos capítulos anteriores, é assim que se dá a classificação do feminismo em ondas.

O movimento, portanto, tem uma linha evolutiva, que nos demonstra os apelos das mulheres de outrora, além de ser um farol para as miradas do futuro. Por isso, entendemos os feminismos (sim, nós o consideramos um movimento plural) como uma forma de conhecer o Amor⁴⁸ – (não o amor romântico e burguês, o qual as feministas têm lutado para desconstruir) e criar vínculos sadios, além de nos levar a emancipação.

Como as belas palavras de bell hooks (2017) elucidam:

El amor en la cultura patriarcal está unido a la idea de posesión y a paradigmas de dominación y sometimiento por los que se asume que una persona da amor y la otra lo recibe Por eso pensamos no feminismo como una práctica política sabia y amorosa el pensamiento y la práctica feminista dan mucha importancia al valor del crecimiento mutuo y la autorrealización en las parejas y en las crianzas; Una verdadera política feminista nos libra de las cadenas y nos conduce a la libertad, nos lleva de la ausencia de amor al amor (HOOKS, 2017, p. 130).

A esta prática amorosa e política pretendemos alinhar nossas reflexões, pois demonstramos desta forma, a importância da mudança do paradigma imposto até a segunda

⁴⁷ Professora e filósofa socialista estadunidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos.

⁴⁸ Como tecnologia política – Chela Sandoval.

onda, e ainda, a valorização das experiências pessoais como objeto de investigação acadêmica.

Além disso, os escritos femininos desta época nos revelam a importância de reiterar as identidades latinoamericanas, diferenciando assim as demandas pleiteadas por mulheres de cor, das demandas das mulheres brancas.

Com isso, percebemos que ocorre uma solidária e coletiva reconstrução teórica, que começa a questionar as imposições brancas, heterodominante e patriarcal, configurando novos tempos para a análise e crítica literária. Teoria unida à prática ajuda-nos a ter consciência do quanto necessário é este movimento de reflexão para uma autoestima e autoaceitação.

Por isso, este trabalho se ocupa de pensar o feminismo mais adiante, entendendo que esta luta se baseia no entendimento da complexidade das subjetividades que todas as mulheres estão inscritas. Pois entendemos que “no existe camino único hasta el feminismo” (HOOKS, 2017 p. 147), e que as mulheres estão em diversas esferas sociais e econômicas.

Logo, “se debe crear y recrear constantemente teoría feminista con visión en el futuro, que se refiera a nosotras, a movimiento feminista en nuestras vidas (HOOKS, 2017, p. 133).

Como já mencionamos, a tensão territorial se relaciona com as questões de identidade fluida e fragmentada⁴⁹ (HALL, 2003), este fator é fundamental para repensar o SER-feminino, pois as últimas décadas do século XX foram marcadas pela reorganização dos espaços a partir de um novo conceito de soberania perspectivada por uma desterritorialização geradora de novos processos de subjetivação e de práticas discursivas. Este fator é trazido por Cisneros com recorrência em sua obra, pois a autora é, antes de tudo, uma mulher no entrelugar.

Dessa forma, entendemos que a expressão cultural do povo hispânico nos EUA sempre teve um significado muito particular na construção de uma identidade que se definia a partir dos diversos agenciamentos inter-transculturais⁵⁰.

⁴⁹ Isso acarretou numa nova compreensão da estrutura epistemológica das ciências humanas, quando padrões ocidentais hegemônicos globalmente pela experiência colonial foram questionados. O pensamento pós-colonial acabou por relativizar a dicotomia centro/periferia, recolocando as discussões em torno da diversidade do lugar de enunciação através da ênfase à temática da alteridade e da afirmação das "diferenças coloniais", sejam essas de ordem étnica, social, de classe, sexual, dentre outras, que garantiriam uma "razão pós-colonial" estruturadora de um "pensamento liminar", marcado pelas perspectivas subalternas.

⁵⁰ Essa ideia abarca um ponto de vista histórico que nos informa acerca de uma cultura expressa por uma relação desigual na qual a violência é exercida no confronto com outro. Portanto, a experiência dos povos mexicanos estadunidenses absorve os códigos culturais de minorias excluídas do exercício do poder que tatuam as discussões raciais, étnicas, de Gênero, meio-ambiente, religiosas, sexualidade, política do corpo, língua, dentre outras.

Essa projeção da identidade Chicana ao longo do século XX traduz o processo constante e ininterrupto de "cruzar a fronteira", sem pertencer a nenhum dos dois lados (ANZALDÚA, 1999).

Segundo Anzaldúa (1999), a América assume um movimento de fronteira viva⁵¹, mutante, ressignificando as discussões em torno do conceito de latino a partir de um processo de autorreflexão de si, confirmando uma identidade cada vez mais hifenizada.

Para isso, o primeiro gesto de uma prática cultural latina envolve uma enfática autolegitimação, além da contestação ao poder hegemônico. Essa identidade Chicana, antes de ser representada, é praticada, num processo em que as estéticas Chicanas não se pretendem descolada de práticas cotidianas.

Não podemos deixar de lembrar que as práticas linguísticas e culturais dos povos latinos expõem as fissuras da unidade e da estabilidade nacional estadunidense, uma delas é o uso de termos da língua espanhola, tanto em seu cotidiano, como nas obras literárias, como o caso da obra que estamos analisando, na obra conseguimos perceber com clareza que a intenção da autora é marcar suas origens mesmo que este em território outro.

Como a sustenta Anzaldúa (1999), por meio da língua, a mestiça reafirma sua espiritualidade, sua opção pelo popular e suas raízes ancestrais, recuperando num passado pré-colombiano a força do discurso feminino subtraída pela hegemonia masculina do poder ocidental. Trazendo à tona as filiações históricas soterradas pelos relatos oficiais do projeto de Colonização: “Tomo la mano de la abuelita, y caminamos más allá de la basílica. Donde cada domingo la abuela prende velas por el alma del abuelito (CISNEROS, 1996, p.24)”.

Um aspecto relevante nesse processo de autoafirmação é o resgate as divindades cultuadas na América pré-colombiana, deusa asteca *Coatlicue*⁵², por exemplo, se relaciona

⁵¹ Aliada ao discurso de classe e raça está à emergência de um poderoso discurso de questionamento de definição de Gêneros, catalizador do processo de conscientização que garante a afirmação do movimento feminista Chicano batizado por Castillo (1994) como Xicanismo, como forma de se distanciar de um feminismo já impregnado de uma ideologia da mulher branca classe média estadunidense.

⁵² Nome náhuatl de Guadalupe, significa aquela que esmaga a serpente. A serpente (coatl em náhuatl) é o mais notável símbolo da América pré-colombiana, e os antigos a associavam à feminilidade, representada por sua boca aberta guardada por uma série de dentes perigosos (ANZALDÚA, 1999). Ambígua, deusa do amor e do pecado, tinha o poder de criar e devorar vidas, representava todos os aspectos da natureza dual, devorava o sol à noite e o vomitava a cada manhã. Sua iconografia a descreve vestida com serpentes, no lugar de sua cabeça há duas serpentes que se olham cara a cara, tem um colar de corações humanos e pés como garras. Controla as magias, a imortalidade e a fertilidade, criadora da humanidade, guardiã dos jardins dos deleites da terra e do céu.

agora com Guadalupe⁵³, a Virgem⁵⁴, senso assim, ambas, representações e inspirações para a luta das Chicanas.

Assim, uma literatura⁵⁵ que, ao retratar uma coletividade marginalizada pela tradição literária canônica, necessita expressar a sua voz e descobrir uma forma de se autodefinir. A experiência da diáspora⁵⁶, voluntária ou não, e a conseqüente crise de identidade fazem com que muitos autores pós-coloniais, como Cisneros, dediquem-se a desenvolver ou recuperar a identificação⁵⁷ deles próprios com o lugar.

Segundo Hall (2002), a “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2002, p. 7). Desse modo, o exilado, encontra-se “deslocado”, tanto em sentido espacial, geográfico, quanto identitário, pois suas referências, deixadas em sua terra-mãe, são agora substituídas por aquelas do “outro”.

⁵³ É importante afirmar que ainda que a iconografia da santa católica seja um símbolo de resistência e de afirmação de uma identidade Chicana em geral, a apropriação de sua imagem pelas discussões em torno do Gênero feitas pelas escritoras e intelectuais Chicanas sempre causou uma forte reação da comunidade, ainda muito articulada sob uma orientação masculina e heterossexista.

⁵⁴ Os efeitos de poder presentes nas categorias fundacionais de sexo, Gênero, desejo e corpo buscam “naturalizar” tais categorias de identidade a partir de uma lógica binária e hierarquizada, centrando-se em duas instituições que Butler (2003) considera definidoras deste discurso de representação: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. Assim, as identidades provenientes de Gênero tornam-se inteligíveis através de uma matriz cultural heteronormativa que define oposições assimétricas discriminadas entre “masculino” e “feminino” e que configura uma estrutura de mapeamento de desejo que acaba por excluir determinados tipos de “identidade” nos quais o Gênero, de caráter performativo, não decorre do sexo e nos quais as práticas do desejo não decorrem nem do sexo nem do Gênero (BUTLER, 2003).

⁵⁵ Se até meados da década de 1980 a literatura Chicana era predominantemente marcada por vozes masculinas, com o avanço dos estudos feministas e o tardio assentimento do campo literário a escritoras mulheres, versões femininas do movimento Chicano começaram, por meio da literatura e outras artes, a questionar os padrões compulsórios de Gênero a que se restringiam as mulheres Chicanas na sociedade patriarcal, tanto de seu país de origem – em que o modelo da Virgem de Guadalupe imperava como norma de feminilidade ideal, em contraposição a *La Malinche*, a mulher má – quanto da nova sociedade em que eram inseridas enquanto imigrantes.

⁵⁶ A diáspora moderna, geralmente motivada por razões econômicas ou políticas, constitui um processo mais traumático do que possa parecer a quem não vivenciou tal experiência. O imigrante que se insere em uma nova cultura vivencia experiências como dificuldade de adaptação, além da discriminação por sua diversidade étnica, social e cultural.

Tal discriminação, segundo Kristeva (1994), deve-se principalmente ao fato de o estrangeiro, que muitas vezes chega a um país decidido a vencer na vida, possa causar incômodo e desconforto por colocar em cheque a identidade do nativo, que passa a se ver, também, como um “outro”.

⁵⁷ A crise de identidade, conjecturada na obra de Cisneros (1990), produz a sensação de deslocamento e a ânsia de criar e/ou retomar seu próprio espaço, de poder expressar tudo que foi antes reprimido em sua própria linguagem; uma linguagem Chicana que vai representar a voz do oprimido, do deslocado, do sem-lugar, como se verá a seguir.

Retomando, Gloria Anzaldúa (1999), é possível destacar que os Chicanos vivem em uma espécie de fronteira simbólica e intermediária entre sua terra natal e os Estados Unidos, um espaço entre duas culturas distintas que marca a relação traumática entre um povo, sua tradição cultural perdida e sua inadequação e discriminação na nova cultura. Parafraseando Anzaldúa (1999), pode-se afirmar que as fronteiras definem limites identitários entre o “nós” e o “eles”.

Por exemplo, em *Mericanos* Sandra Cisneros começa com uma denúncia tácita sobre a qualidade de vida, o racismo, a pobreza e as injustiças que a comunidade mexicano-estadunidense sofre no sudeste dos Estados Unidos.

Com uma escrita irônica e acima de tudo, melancólica, pois não é por acaso que Cisneros tece com precisão o presente com o passado, a cultura de dois países e as memórias da família, usando seu próprio estilo. Os protagonistas, a partir de sua vida cotidiana, narram às evocações de seu passado e a jornada de um dia a dia em San Antonio, Texas.

Nesse sentido, o uso da língua está acima de qualquer outro (inglês ou espanhol) como forma de interação social, e o outro é mantido (espanhol) como forma de preservar o contexto cultural, pois o chicanismo promoveu o orgulho da história comum e das glórias passadas. Essa forma de nome próprio não se limita à origem mexicana e começa a ser estendida aos demais latinoamericanos que vivem nos Estados Unidos.

Dessa forma, como tentativa de redefinir os papéis femininos tradicionais e romper com modelos de conduta restritivos a literatura feminista Chicana, aqui representada por Sandra Cisneros, procura retratar a condição de mulheres oprimidas nas esferas sociais, culturais, étnicas e de Gênero. Portanto, de forma a oferecer uma saída para mulheres que não podiam romper com as fronteiras simbólicas tanto de sua condição como estrangeiras quanto de sua condição de mulheres, o feminismo Chicano tenta despertar, nas palavras de Anzaldúa (1999), uma “consciência mestiça⁵⁸”.

Assim, a longa história de subalternização colonial do pensamento e do corpo da mulher mestiça - açotada pelas seculares práticas paternalistas coloniais aliadas às políticas do discurso de emancipação do corpo da mulher branca - encontra uma frente de combate exatamente através da subversão de sentido efetuada pela sexualização da imagem antes casta da Virgem de Guadalupe.

⁵⁸ A luta das mulheres Chicanas consiste em algo bem mais complexo do que simplesmente direcionado à rejeição de uma cultura e à dificuldade em assimilar outra: as Chicanas enfrentam o dilema entre sair da própria individualidade e se adequar aos padrões de Gênero pré-estabelecidos por uma sociedade patriarcal que não oferece à mulher oportunidades de escapar a modelos de comportamento social e cultural mente delimitados.

Outra figura mítica que permeia nosso debate é La Llorona (Cihuacoatl⁵⁹), figuras míticas deixadas pela civilização asteca, que segue influenciado o comportamento da mulher Chicana atual.

Em função disso, buscamos refletir sobre o poder de ressignificar as tradicionais histórias míticas, pois o mito se relaciona com a mulher Chicana de hoje, pelo fato de prever um arquétipo a ser ou não seguido pelas demais mulheres, sem dar espaço ao desenvolvimento das subjetividades e interesses do SER- mulher.

Outra conexão que podemos estabelecer entre as Chicanas de hoje e o mito, é o fato de ambas terem vivido e participado de duas culturas. Fronteiras difusas, não claras: homofobia, tirania cultural, religiões opressivas. Estes são algumas das fronteiras que silenciam as mulheres⁶⁰.

Por isso, o empenho em ressignificar os mitos, como o da Llorona, se faz fundamental, tendo em vista que, os arquétipos formados por eles têm vinculado à mulher Chicana a passividade, opressão e estática, definindo-as exclusivamente como esposas e boas mães, a serviço dos homens.

O que podemos considerar de tudo isso, é que os estereótipos sobrepostos sobre as mulheres, bons ou ruins, vêm servindo para privar a mulher da liberdade de escolher SER. As palavras de Moraga (1983⁶¹) nos ajudam a pensar:

Me falta imaginación dices.

No. Me falta el lenguaje.
El lenguaje para clarificar
mi resistencia a las letradas.
Las palabras son una guerra para mí.
Amenazan a mi familia.

Para ganar la palabra
para describir la pérdida
tomo el riesgo de perder todo.
Podré crear un monstruo
el cuerpo y extensión de la palabra
hinchándose de colores y emocionante

⁵⁹ Cihuacóatl era uma deusa guerreira do panteão Asteca, também conhecida como Mulher Serpente, por seu corpo ser parte mulher e parte serpente. É a deusa protetora dos partos e das 'Cihuateteo', mulheres mortas ao dar à luz.

⁶⁰ A mulher Chicana personifica a situação de dualidade vivida em território fronteiro. Por um lado, nunca estão completamente integradas na cultura mexicana. Por outro, suas raízes hispanas lhe conferem um título de cidadãs secundárias na sociedade estadunidense.

⁶¹ "It's the Poverty" (Es la pobreza).

amenazando a mi madre, caracterizada.
Su voz en la distancia
analfabeta ininteligible.

Estas son las palabras del monstruo.
(MORAGA, 1983, p. 62,63)

Tais versos nos demonstram como as palavras foram o fator chave para o entendimento das Chicanas como algo além do SER-feminino, pois a ideia da maternidade como um dom feminino perpetua o imaginário de gerações de famílias em todo o mundo, na maioria das vezes, a natureza cíclica das mulheres e os seus ciclos menstruais são vistos exclusivamente com a finalidade de procriação. É preciso uma tremenda energia e coragem para não concordar, para não compactuar com a definição que torna a maioria de nós invisível. Não os escute.

A maternidade não é um "fato natural", mas uma construção cultural multideterminada, definida e organizada por normas que emergem das necessidades de um grupo social específico e de um tempo definido em sua história. É um fenômeno composto por discursos e práticas sociais que compõem um imaginário complexo e poderoso que é, ao mesmo tempo, fonte e efeito de Gênero.

Atualmente, esse imaginário tem, como peças centrais, dois elementos que o apoiam e aqueles que parecem geralmente atribuir um valor de essência: o instinto e o amor maternos (BADINTER, 1980). Foi baseado nestes argumentos de que a ideia de um sujeito universal acima mencionada implicitamente implica certas características e traços, como separação emoção-razão, ou sua existência independente de fatores socioeconômicos, políticos ou temporais, bem como sua não corporeidade; isto é, era um sujeito racional e sexualmente indiferente, uma entidade que ficava acima do espaço, tempo ou vínculos com os outros.

A teoria feminista mostrou assim, que a suposta neutralidade e universalidade de muitos discursos patriarcais nas ciências sociais é cega ao sexo, ou seja, incapaz de reconhecer as diferentes posições sociais de homens e mulheres, supondo que exista um sujeito neutro. É por isso que buscamos romper com a postura essencialista das noções tradicionais que levam diretamente ao surgimento da ideia de sujeito universal.

A partir dos registros históricos e antropológicos, é possível perceber que as mulheres compartilhavam muito mais coisas do que agora, pois o entendimento de coletividade⁶²,

⁶² Entendemos a palavra coletividade a partir da filosofia africana *ubuntu*: uma sociedade sustentada pelos pilares do respeito e da solidariedade. Além disso, esta filosofia trata da importância das alianças e do

principalmente se olharmos para os povos originários, era efetivamente construído como sentido para bem viver.

Assim, com o desenvolvimento dos processos de colonização (desde a expansão marítima) e globalização tecnológica⁶³, o individualismo⁶⁴, reiterado e pregado pelo sistema capitalista⁶⁵, cresceu, tornando muitas vezes o movimento feminista apenas uma porta para ascender ao mercado.

As gerações mais velhas deram conselhos às mais jovens, compartilharam as tarefas de criação, cultivo, coleta e tratamento de doenças através de plantas naturais. Elas eram talvez as bruxas queimadas, artesãs da natureza e com conhecimento ancestral - que muitas vezes se perderam pelas forças com a qual foram reprimidas. Entendemos que pela sororidade⁶⁶ é possível nos conectar com a nossa matriz ancestral, recuperando assim, nosso poder como mulheres que se nutrem e nutrem os outros: “Si no ayudamos nosotras , entonces quién? (CISNEROS, 1996, p.60)”.

Foi em 1970, quando a escritora Kate Millett, líder feminista daquela época, propôs essa palavra com o fim de construir uma ideia de união social entre mulheres sem que haja diferença de classes, de religiões ou de grupos étnicos. Sob o lema “Mulheres do mundo, unam-se!”, Millet cunhou a palavra sororidade.

É, sem dúvida, uma ideia que inspira, porque longe de permanecer no mero rótulo, procura incentivar, fortalecer como coletivo e visualizar-nos em nossos contextos cotidianos para alcançar a mudança. É este aspecto que percebemos dentro do movimento feminista

relacionamento das pessoas, umas com as outras. Na tentativa da tradução para o português, *ubuntu* seria “humanidade para com os outros” ou “eu sou porque somos”. Uma pessoa com *ubuntu* tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos.

⁶³ A partir da criação e popularização de diversas tecnologias que adquiriram um papel fundamental tanto para o desenvolvimento da economia mundial quanto para a sociedade que se tornou cada vez mais dependente da tecnologia.

⁶⁴ Quando nos referimos ao individualismo, estamos pensando desde uma concepção construída pelo feminismo liberal (também conhecido como Feminismo Igualitário ou Feminismo Universalista), que é uma forma individualista da teoria feminista, que incide sobre a capacidade das mulheres em manter a sua igualdade através de suas próprias ações e escolhas, e propõem mudanças no sistema jurídico, mas não mudanças nas estruturas sociais.

⁶⁵ Capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção e sua operação com fins lucrativos. As características centrais deste sistema incluem, além da propriedade privada, a acumulação de capital, o trabalho assalariado, a troca voluntária, um sistema de preços e mercados competitivos.

⁶⁶ Sororidade é um pacto social, ético e emocional construído entre as mulheres. É, antes de tudo, saber que, juntas, somos mais fortes, que a capacitação só é possível se criarmos fortes alianças entre nós, tratando-nos como irmãs e não como inimigas. Uma relação baseada em nosso valor como um coletivo com a intenção de gerar uma mudança real em nossa sociedade.

Chicano aqui representado por Sandra Cisneros, a autora, em seu registro literário, apresenta a união de mulheres, sejam elas parentes ou não, para que o bem viver se estabeleça. Assim, entendemos que nascer, crescer e ser educado em um contexto marcado pelo peso do patriarcado tem seu preço. Um deles vê as outras mulheres como rivais e concorrentes, e não como seres independentes que podem construir relações generosas⁶⁷.

Além disso, e não menos importante, deve-se notar que a sororidade exige um exercício constante de crítica e autocrítica, por isso, a sororidade não objetiva transformar todas as mulheres em amigas, mas com empatia, elas podem deixar de competir entre si ou de se criticarem. Elas podem se colocar no lugar uma das outras e não julgar outra mulher pelo seu comportamento ou seu estilo. É respeitar, ouvir e dar mais voz às mulheres. Compreender, ajudar e não julgar faz parte da construção de sociedades mais justas e seguras. O suporte vindo do mesmo Gênero fortalece as mulheres mutuamente, gera empatia, aumenta a autoestima e pode fazer toda a diferença em situações de abuso ou violência. Contar com uma rede à qual se possa recorrer significa mais qualidade de vida, melhores condições de acesso a serviços e segurança para todas as mulheres.

Dessa forma, o sexo feminino possui um histórico de muita discriminação e luta. Subjugadas pela supremacia masculina que permeia toda a sociedade, as mulheres precisaram de muita força para alcançar direitos iguais e, mesmo depois de muito tempo e com todo o crescimento do movimento feminista, por isso, entendemos que uma boa educação para nossas mulheres, no entanto, pode ser o diferencial para essa situação. É este o exemplo que encontramos nas palavras e na vida de Sandra Cisneros, pois foi através da educação que a autora construiu seu caminho rumo à emancipação e autonomia.

O modelo que temos hoje é o de um mundo formado e dirigido por homens, onde as mulheres aparecem como imperceptíveis coadjuvantes na construção da sociedade. Para se mudar essa maneira sexista que só serve para promover ainda mais as desigualdades entre homens e mulheres, é necessário implantar, através da educação, valores e ideias que não venham a reforçar a concepção de superioridade do mundo masculino em relação ao feminino, mas, que estabeleça condições de igualdade de oportunidades para ambos os sexos.

⁶⁷ O conceito de sororidade vai muito além: falamos de fraternidade, cumplicidade feminina, de um princípio ético entre nós, onde se tem uma mentalidade transformadora e um compromisso social que não se limita apenas para levantar uma bandeira, ocasionalmente, em uma manifestação. A sororidade é uma revolução que vem de dentro para fora. Primeiro, tornar-se consciente do que se é, do que se merece e do que não se está conseguindo em uma sociedade que, infelizmente, permanece marcadamente patriarcal. Mais tarde, essa consciência deve ser permeada em cada mulher que encontramos no nosso dia a dia, apoiando-a, visualizando-a e consertando a feminilidade fragmentada com o objetivo de fortalecer uma à outra.

Muitas vezes, são as próprias mulheres as responsáveis pela reprodução do machismo e das ideias que pregam a suposta inferioridade delas em relação aos homens. Ideias essas, que são repetidas à exaustão na família, nas igrejas, nos meios de comunicação, até que a sociedade se convença delas, tornando-as predominantes. Para combater esse tipo de educação, devem-se evitar grupos por sexo, fazer leituras críticas a partir da perspectiva de Gênero, analisar a realidade da sociedade brasileira e a importância da mulher nessa sociedade, acabar com os estereótipos que colocaram homens e mulheres em mundos divididos e rígidos padrões de comportamento.

Ao longo deste capítulo demonstramos a possibilidade de repensar os paradigmas naturalizados pelo sistema heterodominante e branco sobre as mulheres. E demonstramos a partir das palavras de Sandra Cisneros como essas opressões ocorrem e como elas podem ser rompidas. Dessa forma, entendemos que é possível promover uma reflexão sobre os padrões sociais, para que dessa forma, possam se desnaturalizar às práticas sociopolíticas.

5 PELAS BRUXAS QUE FORAM QUEIMADAS E POR AQUELAS QUE NASCERÃO: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

As bruxas sempre foram mulheres com coragem, agressividade e inteligência, que se atreveram a não se conformar com as imposições do sistema em que viviam. Por sua luta em busca de liberdade muitas morreram queimadas, outras foram abusadas das mais diversas maneiras. Com o passar dos anos, e por mais opressão que o patriarcado impusesse sobre as bruxas que surgiam, elas seguiram lutando. Hoje, as bruxas são a parte de nós que sonha em ser livre.

Em nossa pesquisa Sandra Cisneros cumpre este papel, através de seus contos ela busca nos levar a lembranças: a alguma coisa que esquecemos e não sabemos com clareza do que se trata. Na leitura de sua obra, deslizamos em direção a um saber ancestral que vem dos povos originários mexicanos, e, ao mesmo tempo, percebemos que esta sabedoria se mistura ao território criando o novo, o desconhecido, uma nova forma de entender a identidade.

Ao mesmo tempo, o patriarcado esta sempre rodando para nos trazer de volta ao caminho estabelecido como correto, no qual o nosso sentir é medicado e nossas palavras são censuradas. Percebemos que as opressões são diversas, bem como os caminhos para fugir delas, por isso, já é hora de abrir as portas para entender a profundidade dos abusos que vivemos, pois sabemos o que habitar um corpo amordaçado pela cultura, moral e pelos cânones. Conhecemos também o abuso e julgamentos que por muitos anos foram silenciados, porque a historia tem sido escrita por homens: “Habiéndose casado con un mexicano a los diecisiete. Habiendo tenido que aguantar todas las groserías (CISNEROS, 1996, p. 80)

Por este motivo, escolhemos demonstrar nesta pesquisa os efeitos e as causas do patriarcado, conectando-o as heranças coloniais e ao sistema econômico vigente em quase todo ocidente, o capitalismo: “Soy anfibia. Soy una persona que no pertenece a ninguna classe (CISNEROS, 1996, p.78)”. Isso nos ajuda a fazer análise das realidades sociais para definir y redefinir as práticas, pois queremos a transformação social para acabar com todas as desigualdades.

Consequentemente, reforçamos o papel da literatura de margem, aqui representada por Sandra Cisneros e seus contos, pois abordam temáticas urgentes e que necessitam ser vistas e discutidas não só no meio acadêmico, mais também nas periferias, escolas, parques. Com isso, podemos esclarecer que o feminismo é um movimento pensado e liderado por mulheres, e que luta pela igualdade de direitos, que se expandiu por todo o mundo e, atualmente, os

grupos feministas têm crescido de maneira considerável, graças ao empenho de diversas ativistas e por fatores como globalização e mídias sociais.

É preciso entender também, que o feminismo está no fazer diário, fato que comprovamos nos contos analisados, além de perceber que a interseccionalidade deve ser considerada como fator fulcral a compreensão das demandas das mais diferentes mulheres.

Dessa forma, buscamos demonstrar que o peso da expectativa de gênero não nos permite reconhecer quem somos, pois antes de ter a possibilidade de refletir acerca disso, somos moldados ao que regulamenta a tradição hetero-normativa dominante. Já que nunca é levada em conta a postura e a mentalidade legítima das mulheres, pois focamos sempre em interesses relacionados à soberania do gênero socialmente privilegiado e por isso, muitas vezes, nossas escolhas são baseadas nas expectativas masculinas.

A problemática da fronteira foi outro tema que abordamos dentro desta pesquisa, assim, notamos que assunto nos ajuda a refletir sobre o sentimentalismo e as subjetividades que envolvem as mulheres dentro do entrelugar.

Igualmente, pelo caráter descritivo dos contos é possível notar a relação das personagens com os ícones da sua terra natal, isso demonstra também o modo híbrido das relações que já são submetidas à expectativa de gênero, ainda são submetidas ao olhar desprivilegiado por serem consideradas estrangeiras.

Em consequência disso, as chicanas são resistência ao território impõe ao mundo sua maneira de viver e pensar, assim, elas constroem dentro dos seus discursos uma identidade, uma literatura de transição marcando esta característica na maneira a qual escrevem e também na intertextualidade presente em todo texto. Assim, esclarecem que o ser-feminino vai além da biologia, que a maternidade pode oprimir e aprisionar as mulheres, bem como ajudam a desconstruir as naturalizações.

Como foi demonstrado, o exemplar *el arroyo de la llorona e otros cuentos*, narra a história de mulheres mexicanas que vivem sob as regras do patriarcado. Em sua obra, Sandra Cisneros ressignifica alguns mitos e símbolos da cultura mexicana, tais como la llorona, todas ligadas aos estereótipos femininos ainda hoje presentes na sociedade, tais como a mulher pura e ideal para o matrimônio, a traidora e a histérica.

O esforço de Cisneros consiste em distanciar tais símbolos de sua conotação tradicional e transformá-los em uma via de luta contra o sistema patriarcal. Assim, a obra que propomos analisar não mais servirá para reforçar a identidade da mulher construída pelo patriarcado, pois pretendemos usá-lo como símbolo da libertação feminina de relações opressoras.

Cisneros nos apresenta a vida de mulheres e seus filhos, descendentes de mexicanos, mas nascidos nos EUA, vivendo em condições de opressão dupla, por serem mulheres e por pertencerem a um grupo étnico marginalizado. Vivem em um entrelugar, com um cotidiano permeado, de um lado, por suas heranças mexicanas e, de outro, por uma realidade de comportamentos e tradições que aumentam a sua situação de sujeito oprimido.

Outras questões também aparecem nesta obra: a mulher como sinônimo de cuidadora; a relação de dependência entre mãe e filho; a sacralização do materno; e o reforço do machismo pelas próprias mulheres. Passar por estas temáticas nos trouxe o entendimento da complexidade das pressões exercidas sobre as mulheres.

Por fim, percebemos que avanços têm sido construídos dentro do movimento feminista. Intuímos que a rede de apoio que a mulher pode construir a sua volta a protege, em certo sentido, das opressões produzidas no âmbito privado, exemplo, dentro do casamento. Entendemos também que se deve considerar as mais diversas demandas, pois as explorações são incontáveis.

Assim, consideramos que a coletividade entendida a partir da sororidade pode ser um caminho para que se criem práticas mais generosas dentro desta sociedade, como foi possível refletir a partir da obra de Sandra Cisneros: “Éramos todas las mismas de algum modo, riéndonos trás nuestras palmas, esperando como esperan todas las mujeres (CISNEROS, 1996, p.60).

Ainda que as bruxas estejam mortas, outras surgiram e surgirão, temos esta esperança, até que todas, das mais distintas raças e classes possam ser alcançadas.

REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, Norma. **Chican's feminist literature**. In: MORAGA, Chérrie; ANDALDÚA, Glória. *This bridge called may back: writings by radical women of color*. New York: Kitchen table: Women of color press, 1983.
- ANZALDÚA, Glória. **Bordelands la frontera: the new mestiza**. São Francisco, Estados Unidos: Editora Aunt Lute Book Company, 1987.
- ANZALDÚA, Glória. **La conciencia de la mestiza: Rumo a uma nova conciencia**, 1987.
- ARGÜELLES, Stella Maris Rodríguez Tapia-Gabriel Ignacio Verduzco. **La llorona: análisis literario-simbólico**. Universidad Autónoma de Coahuila.
- ÁVILA GARCIA, V. **Feminismo académico y militante**. Revista Venezolana de Estudios de la Mujer, Caracas, v. 15, n. 34, p. 217-232, jun. 2010.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.
- BENÍTEZ, Natalie Sánchez. **La experiencia de la maternidad en mujeres feministas**. Págs. 255-267, 2014.
- BENJAMIN, **Magia e Técnica, Arte e Política: Obras escolhidas, Vol. 1**. São Paulo: Brasiliense: 2011
- BUTLER, Judith. **Bodily inscriptions, performative subversions. Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**. Teorías sobre la sujeción. Stanford: Stanford University Press, p. 213, 1997.
- BUTLER, Judith.. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith.. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil: São Paulo, 2014.
- CALVINO, Italo. **Se um viajante numa noite de inverno**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPS, A. **A mitad de camino entre aquí y allá, en medio de quién sabe donde:** traducir la/desde la frontera. Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal. Valencia, n.3, p. 337-354, 2011.

CAMURÇA. Silvia. **Nosso primeiro território.** In: Cadernos de Crítica feminista, recife: SOS Corpo e cidadania, Estudos feministas, ano VI, N. 05, p. 143, dez. 2012.

CASTILLO. Maria. **Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças.** In: Dossiê: Gênero e sexualidade, Rio de Janeiro, Civitas, v. 18, n. 1, p. 83-99, jan.-abr, 1994.

CHAMOISEAU, P. **Texaco.** Companhia das Letras: São Paulo, 1992.

CHIMAMAMANDA NGOZI ADICHE. **Sejamos todos feministas.** São Paulo: Companhia das letras 2009.

CISNEROS. Sandra. **El arroyo de la Llorona:** y otros cuentos. New York: Vintage Books, 1996.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought:** knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. Nova Iorque: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Sexual Politics, African Americans, Gender, and the New Racism.** Routledge: New York, 2005.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria:** literatura e senso comum. Trad. de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

COSTA, Claudia de Lima. **O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo:** (in)deteminações da identidade nas (entre)linhas do (com)texto. In: PEDRO, Joana Maria;

CORTES, C. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** 2017.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo: Boitempo, 2008.

GARCÍA, Virginia Ávila. **Feminismo académico y militante.** Revista Venezolana de Estudios de la Mujer versión impresa. ISSN 1316-3701 Revista Venezolana de Estudios de la Mujer v.15 n.34 Caracas, Mexico, jun. 2010.

GLISSANT, Edouard. **Poética da diversidade.** Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

GOLUBOV, Nattie. **La crítica literaria feminista:** una introducción práctica. México: Facultad de Filosofía y Letras UNAM, 2012.

GÓMEZ, LUIS FERNANDO R. **Cleófilas y La Llorona:** heroínas latinas en contra de la marginalización patriarcal en el cuento de Sandra Cisneros “El arroyo de La Llorona”. *universitas humanística* no.74 julio-diciembre de 2012 pp: 97-119 Bogotá - Colombia issn 0120-4807, 2012.

GROSSI, Miriam Pilar (Orgs). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade.** Florianópolis: Mulheres, 2000. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

JACILENE, Maria da Silva. **Feminismo Na Atualidade: A Formação Da Quarta Onda.** São Paulo: Independently Published, 2018.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Sobre História e Historiografia das Mulheres.** Brasília, 2018.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HENNING, Carlos Eduardo. **Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado, Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo **As Diferenças na Diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC.** Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, UFSC, 2008a.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.** Nova Iorque: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Sexual Politics, African Americans, Gender, and the New Racism.** Routledge: New York, 2005.

CORTÁZAR, Julio. **Sobre el cuento.** 1976.

HOOKS, Bell. **O Feminismo É Para Todo Mundo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Versão digital. Pág. 86, 2018.

IKAS, KARIN ROSA, **Chicana Ways: Conversations With Ten Chicana Writers.** 2001

JIMÉNEZ, S. G. **Roles y estereotipos de género en hombres y mujeres de comunidades chicanas.** Boletín Electrónico de Investigación de la Asociación Oaxaqueña de Psicología A.C. Oaxaca. v. 6, n. 2, p365-371, 2010.

KLAHN, NORMA. **Chicana and Mexican Feminist Practices: De/Linking Cultural Imaginaries,** México, Nuevo Texto Crítico, vol. XV-XVI, no. 29-32, p. 163-174.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero, tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** HOLANDA, HELOISA, Buarque de (Org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa.** Lisboa, 2015.

MATURANA R, Humberto; VARELA G, Francisco. **Del Ser Al Hacer: Los orígenes del conocer.** Campinas: Psy II, 2004.

MIGNOLO, Walter D. **A desobediência epistêmica**: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Dossiê: Literatura, língua e identidade. Cadernos de Letras da UFF. n. 34, p. 287-324, 2008.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **Sobre História e Historiografia das Mulheres**. Brasília, 2018.

MUÑOZ CERREZO, Irene. **Maternidad e identidade feminina en María Teresa León**. 2016. 90f. Dissertação (Mestrado) – Facultad de Filología Complutense, Madrid, 2016.

OLIVEIRA, Maria Lúcia Lopes de. **Corpos e memórias de mulheres em trânsito**: Caramelo, de Sandra Cisneros, e En el nombre de Salomé, de Julia Alvarez. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, p. 180, 2015.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

PÉREZ, Pabla. **Manual de introdução à ginecologia natural**. Bauti, 2018.

PINA, G. Raquel. **La literatura como espacio de resistencia**: La falácia del espacio privado. Revista de Crítica Literaria Latinoamericana. v. 2, n. 62, p. 125-142.

PULITO, E. M. **Feminismo chicano**: raíces, pensamiento político e identidad de las mujeres. Reencuentro. Ciudad de Mexico. n. 37, agosto, 2003.

RICH, Adrienne. **Notas para uma política de localização**. In: Macedo, Ana Gabriela (Org.) *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Tradução: Maria José Gomes Lisboa: Cotovia, 2002.

ROCHA, KARINE. **El arroyo de la llorona, de Sandra Cisneros, ou uma lenda à serviço da liberação feminina**. Universidade Federal de Pernambuco. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 08, nº 01, jan/jul, ISSN: 2176-9125, 2016.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economía política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAAVEDRA, **Como armas sonolentas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo**: diálogo com as ciências sociais 2001. Cadernos Pagu (16): p.137-150, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual**. In: MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

SCOTT, Joan W. **Gênero**: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SCOTT, Joan W. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter.(Org.) *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: Unesp. 1992.

SCOTT, Joan W. **Gênero e história**. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

TRUTH, Sojourner. **Não Sou Uma Mulher e Uma Irmã?**. Convenção de Akron, Akron, Ohio, 1851.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Rio de Janeiro: Rocco. Pág. 278, 1992.

YBARRA-FRAUSTO, Tomás. Interview with Yomás Ybarra-Frausto: The Chicano Movement in a multicultural/multinational society".

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Zahar: São Paulo, 2003.